

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

4037
59(c)

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

Daniela Barbosa da Silva

Moral, Retórica e Narrativa em *Guerra Catilinária* de Salústio

4037
T.C. 51 9(c)
assunto: História antiga / Roma

Uberlândia – Dezembro/2009

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

Daniela Barbosa da Silva

Moral, Retórica e Narrativa em *Guerra Catilinária* de Salústio

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História, sob a Orientação do Prof. Dr. André Fabiano Voigt.

Uberlândia – Dezembro/2009

Silva, Daniela Barbosa (1985)

Moral, Retórica e Narrativa em *Guerra Catilinária* de Salústio

Daniela Barbosa da Silva – Uberlândia, 2009

62 Fls.

Orientador: André Fabiano Voigt

Monografia – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia.

Palavras-chave: História Antiga – Roma – Historiografia – Teoria da História

Daniela Barbosa da Silva

Moral, Retórica e Narrativa em *Guerra Catilinária* de Salústio

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. André Fabiano Voigt - Orientador

Professor Dr. Guilherme Amaral Luz

Professor Dr. Marcelo Lapuente Mahl

À minha mãe e minha madrinha, modelos de força e espelhos de virtude.

“A palavra tem o poder de renascer o que está morto. Recurso interessante que nos coloca no embate constante com o tempo e sua sina de nos roubar aos poucos. Diante do roubo, resta-nos a busca da palavra que tem o poder da devolução”. – *Pe. Fábio de Melo*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, força constante e de quem todos os dons para qualquer realização advém.

À minha mãe por ter me ensinado a entender as palavras.

Agradeço ao meu pai, grande responsável por meu amor aos livros e à história.

À minha família, base de toda a minha formação, que são para mim fonte de incentivo e crescimento, seja como pessoa ou como profissional. Muito Obrigada!

Ao professor Pedro Caldas, por ter acreditado. Seu incentivo possibilitou a pesquisa em História Antiga durante quatro dos cinco anos de graduação. Também devo a ele a paixão adquirida no decorrer dos estudos pela Teoria da História, assim como as oportunidades de pesquisa que contribuíram para a minha formação.

Agradeço também ao professor André Voigt pela dedicação, disposição e paciência. Por ter auxiliado nas últimas etapas desta pesquisa e pelas boas horas de discussões durante os atendimentos. Seus apontamentos contribuíram muito para minha formação enquanto pesquisadora. Obrigada!

Ao professor Guilherme Amaral, por ter aceitado o convite para compor a banca deste trabalho e pela contribuição à minha vida acadêmica. Os debates realizados durante suas aulas sempre serão lembrados com muito carinho, assim como o apoio durante os períodos difíceis da graduação.

Agradeço ao professor Marcelo Mahl, por ter aceitado compor a banca deste trabalho.

Aos Sete: Carla, Cleber, Fernanda, Jaqueline, Matielo, Stela e Thiago. Por cada momento destes cinco anos de amizade: pelas tardes na biblioteca, pelas conversas no ônibus, pelos papos loucos no MSN, pelo carinho, pelas risadas, pelos trabalhos, pelas discussões historiográficas e literárias. Por fazerem parte da minha vida. Vocês tornaram a universidade um lugar muito além de aulas e formação acadêmica, vocês

fizeram da UFU um lar. E espero que mesmo que a vida nos leve para lugares diferentes, possamos, sempre, manter a nossa amizade.

Agradeço também a Ângela e a Ana Beatriz. Por serem presença constante em minha vida. Pelo carinho e paciência, pelas broncas, pelas tardes ouvindo *Coldplay* ou discutindo um bom anime ou mangá. Por me aceitarem como eu sou, mesmo nos momentos mais loucos. Graças ao apoio de vocês pude me manter forte, mesmo face às dificuldades dos últimos quatro meses. Obrigada amigas! Amo muito vocês!

À minha irmã Liara. O que seria de mim sem você? Agradeço a Deus pelo momento em que você entrou em minha vida. E também por ser minha leitora assídua, apontando os horrores cometidos ao português, às vezes acontece né, amiga?

Agradeço ao Eduardo, que compartilha do meu amor por Roma. Quantas horas discutindo os mais variados temas sobre os romanos, não? Divirto-me muito, sempre!

Ao “Jay Jay”! Presença constante! Te adoro!

A todos vocês os meus mais sinceros agradecimentos.

Resumo

A proposta deste trabalho consiste em buscar novas perspectivas de análise para a historiografia romana aqui representada por Salústio. Tendo por fonte central sua obra *Guerra Catilinária*, procuraremos demonstrar como se dá a configuração da escrita da história pelos antigos, perpassando seu caráter moralista e a noção de exemplaridade presente no conceito de *Historia Magistra Vitae*, elaborado por Cícero. Desta forma, ao estudarmos a linguagem narrativa em Salústio, utilizando o caráter mimético presente em Paul Ricoeur, pretendemos devolver à obra a sua historicidade, enquanto forma específica de dar sentido à história em seu próprio tempo.

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1: República Romana: um ideal político ou moral?	16
1.1: A moral e a construção do conceito de <i>Historia Magistra Vitae</i> .	19
1.2: O “declínio” da História Mestra: a modificação do <i>topos</i> através dos tempos	22
Capítulo 2: Salústio, Cícero e a Conjuração de Catilina.	27
2.1: A escrita da história na Antiguidade: a questão da verdade e o caráter retórico da historiografia romana.	30
Capítulo 3: Concepção do sentido histórico: a constituição narrativa de sentido e seu caráter mimético.	43
3.1: A tríplice mimese e sua aplicação em <i>Guerra Catilinária</i> de Salústio.	48
Conclusão	55
Fontes	60
Referências Bibliográficas	61

Introdução

A história antiga sempre se mostrou como uma época instigante para a pesquisa acadêmica. A peculiaridade de suas instituições, no que se mostram diferentes e próximas à nossa, proporciona ao pesquisador o contato com uma alteridade que não deixa de se referir ao seu próprio tempo. Desta forma, a opção por Roma neste estudo, em especial o período denominado republicano, se deu devido ao fascínio desta época, na medida em que ela inspirou sistemas políticos modernos e que representava, para seus contemporâneos, as bases de uma Roma gloriosa, que se expandia e se tornava senhora do mundo.

A percepção deste ideal republicano, no qual a grandeza romana se construía tendo por fundamento a força de seus antepassados e de suas tradições, nos levou ao questionamento dos motivos que levaram a um colapso deste sistema político. Assim, o contato com as fontes romanas, desde textos filosóficos àqueles referentes à história, nos possibilitou ver uma Roma que se transformava. Desta maneira, os apontamentos dessas fontes são, sobretudo, referentes a um caráter moralista, em que este ideal se formava por meio de uma demarcação das virtudes passadas. Tal constatação nos fez perceber a necessidade de compreensão das formas como os autores romanos retratavam, em suas obras, a época em que viviam.

Com isso em mente, procuramos, através dos autores romanos escolhidos, retratar como a antes gloriosa Roma se perde – por meio do olhar destes romanos – em meio aos vícios que substituem as virtudes dos antepassados. O que nos coloca frente a um dado interessante, nossas fontes, embora se refiram, como no caso de Salústio, à época da Conjura de Catilina (63 a.C.), não deixam de demonstrar em seus textos uma angústia própria à época denominada como fins da república. Estes apontamentos fazem parte de uma primeira preocupação desta pesquisa: demonstrar as contradições presentes neste período e como seus contemporâneos contrapunham virtudes versus vícios para compreender as modificações de seu tempo.

Delineado o tempo da obra escolhida, partimos para a nossa próxima preocupação, esta que será o elemento central de nosso trabalho: a construção lingüística da obra de Salústio. A escolha por este autor se deu devido ao seu posicionamento em relação à história que narrava, que se realizava de uma forma diferenciada de outros textos históricos da Antiguidade. Salústio realiza por meio de sua

*Guerra Catilinária*¹ uma reflexão sobre a época conturbada da república, tentando compreender e tornar compreensível, por meio da palavra escrita, o período em que vivia; dando destaque a uma conjuntura moralista da sociedade. Esta escolha da explicação pelo viés moralista deu a ele um estilo próprio na hora de construir sua história.

A maneira diferenciada de compor o relato histórico, repleto de elegância estilística e gerador de um efeito dramático², fez com que estudiosos do texto salustiano o colocassem mais próximo à literatura do que da especificidade da história. Essa postulação nos levou a uma inquietação: poderia o texto salustiano ser julgado como literário sem antes se definir as formas como a historiografia antiga retratava os dados passados?

Foi tendo em mente essa pergunta que buscamos uma nova perspectiva referente às produções historiográficas que conduzissem a uma revalidação de Salústio enquanto historiador de um tempo e que, como tal, construía sua narrativa histórica de acordo com as preocupações e modelos postos em sua própria época. Desta forma, nos dois primeiros capítulos deste trabalho *República romana: um ideal político ou moral?* e *Salústio, Cícero e a Conjuração de Catilina*, nosso objetivo foi traçar características de uma historiografia antiga que mostravam-se como integrantes do texto salustiano. Assim, a ênfase do primeiro capítulo se constrói em torno ao posicionamento moralista da sociedade romana e de como este cenário torna possível a implementação do conceito de *Historia Magistra Vitae*³, que postulado por Cícero, demonstrava o caráter exemplar da historiografia romana. Esta exemplaridade esteve presente nas formatações historiográficas durante longo período e, para defini-la dentro de uma obra de história, procuramos o trabalho de Jörn Rüsen⁴ e Reinhart Koselleck⁵. A escolha dos dois teóricos se deu na medida em que se podia, por meio de suas proposições,

¹ SALÚSTIO. Guerra Catilinária. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990.

² Sobre a elegância estilística e este efeito dramático de sua obra vários autores se referem, como Teixeira, Silveira, Funari e Garrafini. Portanto, o destaque para esses elementos é típico nas interpretações referentes ao texto salustiano, inclusive na nossa.

³ A postulação da história como mestra da vida, seguindo a noção do caráter exemplar da história, já eram vistas nas obras de Tucídides e Heródoto, sendo que coube a Cícero apenas a titulação de um modelo já utilizado pela historiografia antiga.

⁴ RÜSEN, Jörn. **História Viva** - Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. In: **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC – Rio, 2006.

contrabalancear a validade do conceito com as problemáticas trazidas por seu uso. Por meio disso, constatamos a importância da exemplaridade dentro da obra de Salústio e, porque, em determinadas épocas, tal validade de explicação histórica foi questionada e mal vista.

Já no segundo capítulo nossa proposta foi demonstrar como essa avaliação exemplar se encontrava presente na formulação do texto salustiano, assim como, também nos foi possível, apresentar a personagem central Catilina e de como este se tornava um representante da época retratada. Com isso posto, o capítulo trabalhará com duas idéias importantes dentro da obra de Salústio: a noção de verdade e a construção retórica do texto. O debate acerca da verdade tornou-se necessário para se mostrar qual era a concepção da história entre os antigos e, para isto, encontramos no trabalho de Paul Veyne⁶ um bom referencial para compreender a relação entre verdade/tradição na Antiguidade. Em seguida, nossa preocupação foi traçar as características retóricas apresentadas no texto salustiano e, por meio da exposição sobre a retórica em Cícero⁷ e Aristóteles⁸, nos foi possível estabelecer em quais sentidos ela se tornava viável à aplicação no texto salustiano. Assim, mais do que definir como Salústio representava Catilina, procuramos apresentar elementos que colaboravam para a construção de seu texto.

Perceber a noção exemplar e a apresentação retórica de Salústio ainda não proporciona uma revalidação de seu texto como próprio à produção de sua época, visto que essas mesmas características o levaram a perder sua validade enquanto obra histórica. É pensando nisso que nosso terceiro capítulo - *Concepção do sentido histórico: a constituição narrativa de sentido e seu caráter mimético* – procura propor uma nova forma de pensar a interpretação de *Guerra Catilinária* e, para a qual sugerimos a utilização dos paradigmas narrativistas auxiliados pelo modelo mimético proposto por Paul Ricoeur⁹. A escolha dos elementos narrativistas se deu devido à

⁶ VEYNE, Paul. **Acreditaram os gregos em seus mitos?** Portugal, Lisboa: Edições 70, 1987.

⁷ Para o estudo do papel do orador em Cícero, em que ele postula os elementos próprios à construção retórica, nos utilizamos de duas traduções: a tradução espanhola - CICERÓN, **El Orador**. Clássicos de Grecia y Roma. Alianza Editorial, S.A, Madrid, 2004, e tradução em francês da Belles Lettres - CICÉRON, **De L'Orateur**. Livre Deuxième. Traduit par Edmond Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

⁸ ARISTOTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antonio Pinto de Carval. São Paulo: Edições de Ouro, 1980.

⁹ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

problemática encontrada quando Michael Grant¹⁰ apresenta a obra de Salústio como literária. Desta constatação, notamos que o problema não era o reconhecimento de traços estilísticos e de efeito dramático próprios ao texto salustiano e, sim, devido a essa classificação de literalidade ter retirado de seu trabalho a validade histórica presente em sua construção. Independente de traços considerados ficcionais, *Guerra Catilinária* é uma obra histórica que corresponde ao fazer histórico de sua época.

Foi-nos necessário, então, buscar uma nova perspectiva referente às produções historiográficas que conduzissem a uma revalidação de Salústio enquanto historiador de um tempo e que, como tal, construía sua narrativa histórica de acordo com as preocupações e modelos postos em sua própria época. Assim, para um melhor entendimento do posicionamento de Salústio, procuramos entender sua produção em relação a uma teoria lingüística que priorizaria a significação/sentido daquilo que se quer dizer por meio dela. Percebemos, dessa forma, que a linguagem auxilia na compreensão do texto e o do fora do texto, contribuindo, inclusive, para um melhor entendimento da temporalidade que ele retrata.

Esta percepção nos auxiliou na escolha de autores que se posicionavam em relação a uma história capaz de produzir sentido e significado por meio de uma narrativa de verossimilhança. Desta forma, ao passar pelas teorias de Paul Ricoeur, Jörn Rüsen e Koselleck, o objetivo era pensar a construção de um sentido histórico que colaboraria com a instrução para a vida dos sujeitos para os quais sua composição se destinaria. Identificamos a historiografia romana como uma representante desta função orientadora, a história não era produzida apenas para expor fatos ocorridos, ela deveria ganhar sentido tendo por base as ações humanas.

É com este objetivo que, ao percorrer os três capítulos, podemos destacar para cada um deles uma forma de se pontuar a orientação do agir humano, o que nos faz localizar na historiografia romana, apresentada por Salústio, um caráter utilitário, nos quais suas colocações sempre visavam a uma instrução para a vida. Percebemos, então, que o trabalho com as fontes e com a bibliografia selecionada nos proporcionou, também, uma reflexão acerca da importância das obras históricas para a orientação do homem enquanto ser no mundo e em co-relação com outras pessoas.

Identificamos a História, portanto, como um conhecimento que, estando em mutação, é capaz de se transformar e resignificar, neste trajeto, o passado, dotando-o de

¹⁰ GRANT, Michael. **Historiadores de Grecia y Roma**. Tradução Antonio Guzmán Guerra. Alianza Editorial, S.A. Madrid: 2003.

sentido para a vida presente. Realizar este movimento nos leva novamente para a potencialidade do exemplo que, através de um viés crítico, é passível de reconhecimento. Desta forma, torna possível ao sujeito histórico, enquanto atuante deste movimento temporal que nunca cessa, ser capaz de reconhecer essa exemplaridade e, por meio dela, mudar a sua própria realidade.

Capítulo 1

República Romana: um ideal político ou moral?

A República romana sempre exerceu uma espécie de fascínio, que esteve presente não apenas no período em que ela conheceu sua glória, mas que se perpetuou pelos séculos e contribuiu na formação de inúmeros sistemas políticos modernos. A razão para esta admiração já era apontada pelos historiadores da Antiguidade, como Políbio, que via na constituição política romana uma das melhores formas de se governar, visto que a república reunia em si três formas de governo, em suas palavras:

Com efeito, a quem fixar a atenção no poder dos cônsules a constituição romana parecerá totalmente monárquica; a quem fixá-la no Senado ela mais parecerá aristocrática, e a quem a fixar no poder do povo ela parecerá claramente democrática. (Livro VI – 11)¹¹

Vemos, então, que sua peculiaridade consistia em possuir três esferas de poder que deveriam estar em comum acordo para que esta sociedade pudesse funcionar da forma mais justa, visando sempre a necessidade do consentimento jurídico e da utilidade comum. Tal característica é apontada por Cícero em *Da República*¹², obra na qual tem por objetivo apresentar a importância da república para a construção da sociedade romana e de como a mesma contribuiu para o crescimento de Roma.

Através da visão ciceroniana da República, percebemos que esta, além de ser um sistema político arraigado e influente dentro das sociedades antigas, também se constrói como um ideal não apenas político, mas que tem como principal elemento a noção moral que permeia Roma. E é exatamente nesta tendência moralizante que Cícero fundamenta a possibilidade de sucesso ou de fracasso do governo republicano, pois seu funcionamento vai além do político, deve ser calcado também na tradição. Em suas palavras:

Com efeito: sem nossas instituições antigas, sem nossas tradições venerandas, sem nossos singulares heróis, teria sido impossível aos mais ilustres cidadãos fundar e manter, durante tão longo tempo, o império de nossa República. (Livro V – I).¹³

¹¹ POLIBIOS. **História**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade Federal de Brasília, 1985.

¹² CÍCERO, Marco Túlio. **Da República**. Tradução e notas Amador Cisneiros. Bauru, SP: Edipro, 1995.

¹³ Ibid. pp.83.

Levantar os valores morais na construção dessa República não é feito por Cícero por um mero acaso, visto que durante o processo de elaboração de *Da República*, Roma se encontrava em uma situação política complicada, na qual as guerras civis começavam a se delinear e das quais Cícero era totalmente contrário. O que nos leva a um ponto importante, se esta República possuía uma das melhores formas de governo, por que sua crise foi inevitável?

Muitos autores, como Alföldy¹⁴, localizaram esse período de crise nos últimos cem anos da República, que teria seu início na primeira revolta de escravos em 135 a.C à 30 a.C. quando cessam as Guerras Civis. Sendo assim, temos que os períodos finais desta república são marcados por intensas transformações sociais e políticas.

A crise acompanha um novo cenário político que traça seus contornos em Roma logo após a conquista de Cartago. Roma se expande e com essa expansão anexa cada vez mais territórios em seus domínios. Mais conquistas significam novas terras e novas terras são um dos fatores mais importantes para a economia da Antiguidade. Tal constatação justificaria os primeiros conflitos relacionados às distribuições de áreas conquistadas entre cidadãos romanos. E não apenas os confrontos de posses dos novos anexos territoriais trazem problemas, com o aumento dos mesmos tem-se a necessidade de um maior número de escravos e com isto as possibilidades de revoltas são aumentadas.

É fato que as revoltas foram de grandes dimensões e intensidade, mas não foram comuns, embora tenham causado grande dano ao contribuir para o clima de instabilidade que se instalava em Roma. Clima este que estava presente não apenas em relação às possíveis revoltas e sim em outros fatores como a resistência das províncias ao domínio romano e o desejo dos itálicos em conquistarem a cidadania romana, pela qual também foram às armas. Os constantes conflitos possibilitaram ainda uma nova divisão, desta vez dentro do próprio poderio político romano, o que faz com que o foco da crise republicana seja principalmente em relação à política.

Com isso em mente, vemos que as Guerras Civis conhecem seu início na época dos Gracos com a questão da posse de terras, já mencionadas como importante dentro da sociedade romana. Esta característica eleva ainda mais a importância das conquistas, as quais favorecem o aparecimento de líderes militares que, por sua vez, estão

¹⁴ ALFÖLDY, Géza. **A crise da República e a sociedade romana**. In: A História Social de Roma. Editora Presença: 1997.

estritamente ligados à administração da República, já que não havia separação das funções políticas e militares em Roma. É neste contexto que emergem dois grupos políticos distintos: os *optimates* e os populares.

Esta divisão, realizada para uma melhor compreensão das modificações políticas que se delineavam, serve para demonstrar os variados interesses que norteiam a ordem senatorial romana. Sua divisão se configurava dentro da questão dos direitos a uma melhor distribuição da terra conquistada e de um maior apoio à plebe romana, a qual os populares buscavam, enquanto os denominados *optimates* possuíam o que poderíamos chamar de uma forma de agir mais “elitista”. Este traço de divisão, em um senado que deveria priorizar as decisões referentes à República em comum acordo, torna-se ainda mais instável quando surgem as figuras de líderes para ambos os grupos, cuja definição nos é dada por Salústio:

Salústio caracterizou com grande precisão os populares e os *optimates* da década de 60 do século I a.C.: quando jovens alcançavam o tribunato da plebe “com temeridade característica da sua idade e da sua espécie, começavam a atizar as massas com ataques ao Senado e a inflamá-las depois ainda mais com presentes e promessas, para dessa maneira conquistarem prestígio e poder. A maior parte da nobreza resistia-lhe por todos os meios, na aparência em defesa do Senado mas, na realidade, em defesa de sua própria posição de domínio... Uns agiam como se quisessem defender os direitos do povo, outros como se quisessem aumentar o prestígio do Senado – clamavam que combatiam pelo bem comum, mas na realidade lutavam apenas pela sua própria influência” (Cat., 38, 1sgs.).¹⁵

Vemos que para Salústio, a divisão presente no senado deturpa o real sentido da existência do mesmo – a manutenção do bem comum. O surgimento da figura do líder, principalmente daquele homem que obteve sucesso militar, irá deixar essa característica ainda mais clara. O primeiro sinal disso será o confronto civil entre Mário e Sila, do qual Sila sai vencedor e se coloca como o primeiro “ditador” em Roma, o que significava a suspensão das eleições para cônsul realizadas anualmente. Para Cícero isto será prova de que os valores morais romanos que construíram a república foram conspurcados, ao que ele dirá: “Nossos vícios, e não outra causa, fizeram que,

¹⁵ ALFÖLDY, Géza. **A crise da República e a sociedade romana**. In: *A História Social de Roma*. Editora Presença: 1997.

conservando o nome de República, a tenhamos já perdido por completo”¹⁶ (Livro V – I).

Notamos que, tanto para Salústio, quanto para Cícero, a atuação dos homens públicos estava vinculada diretamente às tradições do povo romano; perdida as virtudes que deveriam servir ao bem comum, perde-se a própria instituição. Com as virtudes dos antepassados transformadas na ambição por glória militar e poder político, a República perde suas bases principais e se dirige para sua ruína.

Percebemos, então, que embora a prática política seja de importância única para a sociedade romana, ela não pode ser dissociada de um ideal moral de governo. Não há uma separação entre valores morais e instância política. Assim, os autores deste período não dissociarão os confrontos políticos de uma degeneração moral da população, o que estará bem claro quando Salústio constrói o retrato da Conjuração de Catilina.

A percepção desta característica nos leva para um próximo ponto em nosso trabalho, o qual nos ajudará na compreensão do entendimento dos costumes antigos como formadores de uma sociedade próspera. Sendo assim, analisaremos como a questão moral se transforma na ideia de história exemplar e de como esta estará presente em nossa fonte ao explicar os confrontos finais da República.

1.1. A moral e a construção do conceito de *Historia Magistra Vitae*.

*L’histoire enfin, témoin de siècles, flambeau
de la vérité, amé du souvenir, école de la
vie, interprète du passe...*
Cícero¹⁷

No período em que se localiza a crise da república nos encontramos também com uma intensa formação moral da sociedade, característica que se enquadra com as preocupações filosóficas da época, as quais estariam vinculadas com a importância do aprendizado social e o questionamento acerca da postura de vida. Assim, escolas como o Epicurismo, estoicismo e academia céptica (da escola de Pirro), são comuns na filosofia helenística, exercendo contraste com o fundo político da época. Como nos mostra Michael Erler:

¹⁶ CÍCERO, Marco Túlio. **Da República**. Tradução e notas Amador Cisneiros. Bauru, SP: Edipro, 1995. pp. 83.

¹⁷ CÍCÉRON. **De L’Orateur**. Livre Deuxième. Traduit par Edmond Courbaud. Paris: Le Belles Lettres, 1927. (IX-36).

E, por fim, dificilmente terá havido um século em que discussões políticas e sociais terão sido travadas literariamente na mesma proporção e no mesmo nível como nas décadas entre a derrocada da política romana e a consolidação da reforma do Estado por Augusto.¹⁸

Marco Túlio Cícero, nascido em Arpino em 106 a.C., foi um dos filósofos a seguir o estilo helenístico, colocando-se como seguidor da escola céptica, fase tardia da Academia Platônica, embora seus escritos também possuam certa proximidade com o estoicismo; não procurou criar nenhum sistema próprio de filosofia. Importante pensador e político em Roma procurou seguir um “ideal” de homem romano, em que carreira pública viria sempre associada aos estudos e à produção literária. Sendo assim, sua obra acompanha os conturbados tempos de crise política, servindo como um reflexo dos acontecimentos, vistos, em sua maioria, através da ótica moral. O que nos informa de sua preocupação com a preservação dos valores e costumes da sociedade romana, própria a praticamente todos os autores, seus contemporâneos e alguns posteriores, que escreveram sobre Roma.

Portanto, a obra de Cícero nos ajuda não apenas na compreensão do valor moral desta sociedade, mas possibilita também uma visão da formatação política presente em Roma. Sendo seus trabalhos assim divididos:

No entanto, o mais importante para o leitor de hoje é que o agrupamento biograficamente fundamentado – diálogos platônicos literários nos anos 50, pares de fala e réplica nos anos 40, seguidos no final por três escritos monológico-didáticos – franqueia três distintas vias de acesso ao pensamento de Cícero.¹⁹

Importante é que estas características levaram Cícero a mostrar como a História colaboraria com a construção de uma “melhor” Roma, dando a ela títulos como *école de la vie*, escola da vida que ficou conhecida como mestra. A História mestra da vida. Apesar de que, os traços que lhe renderiam este título já tivessem se iniciado sob a pena de Heródoto e Tucídides, cabendo a Cícero a autoria da expressão, cuja definição de História acompanharia o trabalho dos historiadores em suas construções narrativas até meados do século XVIII.

¹⁸ ERLER, Michael; GRAESER, Andréas (orgs). LEONHARDT, Jürgen. *Cícero*. In: Filósofos da Antiguidade, Do helenismo à Antiguidade tardia. Tradutor: Nélcio Schneider. Editora Unisinos: São Leopoldo – RS, 2003. pp. 86.

¹⁹ Ibid. pp. 89.

A fórmula ficou conhecida por dar à História um caráter exemplar, assim, o passado reconstruído, trazia, sob a luz do conceito, uma gama de exemplos para o agir. Seu objetivo era, como nos mostra Salústio²⁰, servir para que, através da memória dos feitos antigos, as pessoas fossem iguais ou melhores que os seus antepassados. Desta forma, quando elaborada por Cícero, ainda que dentro do campo da oratória, a expressão passa a viabilizar uma imortalização da história como instrução para a vida.

Para melhor compreendermos estas características utilizaremos o trabalho de Jörn Rüsen - *História Viva: formas e funções do conhecimento histórico*²¹, no qual o autor, ao retratar as quatro formas de constituição narrativa de sentido, explana sobre a constituição exemplar de sentido, forma que, como já demonstramos, recebe os contornos que lhe são próprios nas obras da Antiguidade. Assim, o primeiro apontamento que o autor nos faz é relativo à transformação do passado em exemplos que se tornariam modelos para a construção de um bom “futuro”.

A formação de modelos com exemplos a serem imitados trazem para a história mestra um caráter de ação mais abstrato, visto que ela se constituiria através da presença de regras, pontos de vista e princípios. Temos, então, que a tradição não é mais apenas algo imóvel pronto a justificar uma estrutura, ela se torna experiência passada e um passado que auxilia no entendimento e melhoramento da ação humana. A abstração traz uma generalização da experiência temporal e coloca o tempo submisso a regras do agir. Nas Palavras de Rüsen:

Este ensinamento institui uma comunicação livre entre seus destinatários, na qual os conteúdos da experiência e do saber são tratados de maneira que os participantes se ponham de acordo quanto a regras e princípios e os utilizem como fundamento de suas ações.²²

A atuação no presente é realizada através desta formulação de regras e princípios que se tornem o mote da ação do indivíduo: “Quem sou ou quem somos nós depende da medida de minha ou de nossa capacidade de realizar por mim ou por nós mesmos os princípios de ordenamento da vida que se considera obrigatórios em geral”²³. Como já dito, a ideia de regra geral acaba por fazer com que a temporalidade própria dos eventos

²⁰ Salústio, importante historiador romano e nossa fonte central neste trabalho, aponta em sua obra *Guerra de Jugurta* a função da emulação da história, que seria tirada da memória das realizações dos ancestrais.

²¹ RÜSEN, Jörn. **História Viva** - Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

²² Ibid. pp.52.

²³ Ibid. pp. 53.

se torne uma prática atemporal na apresentação moral da história, pois, retirando a história do seu corpus móvel, os modelos históricos elaborados por ela passam a ser passíveis de encaixe em qualquer época.

O problema é que a noção exemplar acaba por legar à História um caráter dogmático, visto que certos padrões de conduta serão escolhidos como os melhores a serem seguidos, sendo o desvio de uma regra pré-estabelecida avaliada sempre através do viés negativo. Embora, não se deva negar, a fórmula também tenha apresentado aspectos positivos, dentre os quais estão as novas formas de percepção das particularidades em relação ao outro, em que tradições eram observadas e colocadas em comparação, visando sempre o ensinamento que tal fator poderia trazer.

Para Rüsen, a constituição exemplar de sentido possui formas universais próprias para ensinar através da História, presentes em abundância na vida cotidiana, estando presentes, sobretudo, em posições políticas. O que nos remete à relação indissociável entre política e vida prática entre os romanos. O autor nos aponta ainda, como dentro do campo da cientificização da história veremos ocorrer a modificação da forma exemplar, mesmo que ela não seja abandonada por completo, estando, quando não aparentes nas formas interpretativas, nos “modelos lingüísticos e *topoi* retóricos”²⁴.

Tal percepção nos encaminha para uma próxima etapa, procurar os motivos que levaram ao desuso do *topos* e de quais formas seus elementos ainda estarão presentes dentro da historiografia.

1.2. O “declínio” da História Mestra: a modificação do *topos* através dos tempos.

Será Reinhart Koselleck a retratar de forma magistral as modificações da *Historia Magistra Vitae* no decorrer dos séculos e, apontar as causas de seu enfraquecimento nas formas utilizadas para a construção do saber histórico, demonstrando, também, como a própria forma de se entender a História se modifica durante este processo.

As transformações decorridas só passam a ser sentidas durante a segunda metade do século XVIII, pois, até então, a expressão *Magistra Vitae* representava a constância da natureza humana, que levaria a uma similitude entre acontecimentos terrenos. Esta característica de “unidade” e de possibilidades de se levantar certezas sobre o futuro

²⁴ RÜSEN, Jörn. **História Viva** - Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. pp. 55.

(tendo em mente as semelhanças entre os atos humanos) é questionada quando surge um ceticismo em relação à sensação de continuidade da História. Pois,

Seu uso remete a uma possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas em um *continuum* histórico de validade geral. A história pode conduzir ao relativo aperfeiçoamento moral ou intelectual de seus contemporâneos e pósteros, mas somente se e enquanto os pressupostos para tal forem basicamente os mesmos.²⁵

Tal concepção é questionada quando se passa a exigir da História uma avaliação mais exigente da realidade que a cerca. Tem-se, portanto, uma nova forma de se conceber a história ou, antes, uma modificação na própria maneira de se construir o seu posicionamento. Na percepção temporal diferenciada, realizada dentro das novas formulações lingüísticas alemãs, a História modifica os significados do conhecer histórico, transforma-se em uma “história em si”.

Nesta nova formulação, a construção histórica passa a extrair elementos singulares dos eventos e também elementos que o colocariam em um todo “unitário”, o termo *Geschichte*²⁶ estabelecia uma nova dimensão para o conhecimento histórico, em que este vai além dos relatos narrativos e traz uma nova perspectiva em relação a experiência temporal. Ao que Koselleck nos diz:

Passou-se a exigir da história uma maior capacidade de representação, de modo que se mostrasse capaz de trazer à luz – em lugar de seqüências cronológicas – os motivos que permaneciam ocultos, criando assim um complexo pragmático, a fim de extrair do acontecimento casual uma ordem interna.²⁷

Aparece ainda, dentro desta nova forma de se conceber o saber histórico, a noção de coletivo singular, que buscava estabelecer referenciais comuns em face de fatos singulares da história. O que possibilitou um trabalho que ia da ideia de uma história singular para seu caráter “universal”, e trouxe não apenas uma nova forma de

²⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. In: **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006. pp. 43.

²⁶ Ao conceito *Geschichte*, Koselleck atribui uma nova forma de se pensar a história, em que ela se distancia das narrativas exemplares e se transforma em uma “história em si”, que pensa a si própria na medida em que constrói um novo modelo de posicionamento histórico.

²⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. In: **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006. pp. 51.

concepção histórica, mas também proporcionou o estabelecimento de uma “filosofia da história”. Dentro de nosso *topos*, este novo posicionamento causou uma perda de força e sentido, visto que a ideia de todo unitário retira a elaboração dos exempla presente em cada fato particular. Sobre a noção de coletivo singular temos:

O advento da idéia do coletivo singular, manifestação que reúne em si, ao mesmo tempo, caráter histórico e lingüístico, deu-se em uma circunstância temporal que pode ser entendida como a grande época das singularizações, das simplificações, que se voltavam social e politicamente contra a sociedade estamental: das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos o Progresso, das muitas revoluções “*La Révolution*”.²⁸

O rompimento com uma cronologia natural proporcionaria, segundo Koselleck, a descoberta de um tempo especificamente histórico. Nele, a História não relata mais apenas exemplos, passa a atribuir juízos e também veredictos. Esta nova visão temporal traz consigo, uma nova noção acerca do futuro histórico, que, agora, relacionado a essa percepção da História, se encontra velado. Retira-se, dessa maneira, a capacidade de se aprender com os fatos históricos, nas palavras de Koselleck “a perfídia da razão impede que o homem aprenda diretamente a partir da história, impelindo-o ao seu destino de forma indireta”.²⁹

Há uma transformação da experiência, o passado deixa de ser válido para as formulações acerca do futuro; segundo nosso autor, tal experimentação faz com que o tempo receba uma característica de aceleração e retardamento. Em relação à primeira, vemos que o futuro é buscado incessantemente, mas sem recorrer a nenhuma orientação do passado. O espaço de experiência com lugar neste passado é destruído. Contudo, a compreensão da história ainda perpassa pela noção exemplar.

Tal constatação faz com que Koselleck formule a pergunta acerca do momento em que a história se estabelece, ou necessita se estabelecer, como mestra da vida. Ainda que, é necessário ressaltar, não com a mesma definição que recebeu dos historiadores que fizeram uso do *topos* tal como foi caracterizado na Antiguidade. Ao que o autor nos diz:

No que diz respeito à sua estrutura temporal formal, deve-se ao contrário indagar em que nível a história se estabelece, ou deveria se

²⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. In: **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006. pp. 52.

²⁹ Ibid. pp.55.

estabelecer, como mestra da vida: no nível das circunstâncias de ação em curto prazo e de sua moral respectiva, junto às quais a história atua como modelo de experiência, ou no nível dos processos de médio prazo, a partir dos quais certas tendências podem ser projetadas em direção ao futuro? No primeiro caso, a história instrui a respeito das condições de existência de um possível futuro, sem prognosticá-lo; no segundo, a história diz respeito ao nível da duração meta-histórica, a qual, por isso mesmo, não está situada fora do tempo.³⁰

A História deve, então, exercer o seu papel de orientar para um tempo futuro, embora esta orientação não deva se estabelecer através de uma “soma de eventos isolados”. Sendo que seu papel seria demonstrar seu caráter exemplar, dentro das diferenciadas histórias e da própria dinâmica em que elas ocorrem. Desta maneira, apontar as modificações do conceito nos mostra que, a presença dos *exempla* ainda é importante para a articulação de uma memória histórica com os acontecimentos presentes e cujo uso possibilita ao homem uma formação que o torna capaz de interpretar o mundo e a si mesmo.

A ausência dos conjuntos de competências que auxiliariam na interpretação do mundo e de si próprio, realiza uma perda no campo da experiência em relação a uma reelaboração do passado que conduza à orientação existencial. O passado, atuante por meio da memória, traz conteúdos que dão significado ao presente e ajuda a projetar perspectivas para o futuro. Para Rüsen:

A competência histórica de orientação é a capacidade dos sujeitos de correlacionar os modelos de interpretação, premissas de experiência e saber, com seu próprio presente e com sua própria vida, de utilizá-los para refletir e firmar posição própria na vida concreta no presente.³¹

Neste sentido, percebemos que fatos objetivos e subjetivos se cruzam para a obtenção da História construída, sendo capaz de dar ao seu sujeito uma identidade. O encontro com a experiência e sua posterior interpretação, faz com que o “eu” subjetivo entenda as ocorrências temporais e as objete em sua vida, tornando-se detentor do conhecimento necessário para ser membro ativo da comunidade humana.

³⁰ KOSELLECK, Reinhart. Representação, tempo e estrutura. In: **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006. pp. 143.

³¹ RÜSEN, Jörn. **História Viva - Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. pp. 116.

A obtenção de um objeto de conhecimento compreensível torna a experiência e ação intrinsecamente ligadas, o que nos mostra que a história exemplar fundamentada por meio de um viés crítico, tende a auxiliar na construção e organização nos processos cognitivos do saber.

Pergunta-se, agora, as intenções da explanação sobre a história mestra na análise de nossa fonte *Guerra Catilinária*³² de Salústio. Entendemos que para um primeiro contato promissor com nossa obra central, é indispensável um conhecimento prévio sobre as características que norteiam o texto histórico do período que nos propomos a estudar. Sendo assim, nosso próximo capítulo buscará situar o texto salustiano dentro dos acontecimentos da época e mostrar os encaixes de sua produção dentro da ideia de história exemplar.

³² SALÚSTIO. Guerra Catilinária. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990.

Capítulo 2

Salústio, Cícero e a Conjuração de Catilina.

A conjura de Catilina, presente em nossa fonte *Guerra Catilinária*³³, foi um fato peculiar da história da Roma republicana, na medida em que apresentou as principais motivações que culminariam nas Guerras Civis romanas. O confronto se dá em época crítica, em que, saída da “ditadura” de Sila, vemos Roma tentar restaurar os moldes republicanos tal qual eram em um início da República, ideal que não seria alcançado, visto que as inovações no campo político, militar e social já mostravam sua potencialidade para a mudança.

É neste cenário que a figura de Catilina irrompe, sendo mostrado posteriormente pelos historiadores de Roma, que estudaram sua conjura, como um personagem típico da época, o qual mostrava em suas atitudes todos os vícios em que imergia a sociedade romana. Assim, Catilina, membro de uma família decadente, mostra-se atuante nesta cidade em crise. Afetado por confiscos de terras e sem prestígio político, este homem procurará uma nova forma de chegar ao poder, sendo a saída encontrada um golpe político, em que, conquistado o governo da República, os problemas referentes às terras e as dívidas seriam sanados. Contudo, sua atuação será vista por um olhar não apenas político; como já mencionado, o ideal republicano visa, sobretudo, uma moral. Desta forma, Catilina será analisado, quando já vencido, por meio de uma lógica moralista, que o delineará como uma amostra explícita da decadência moral de Roma.

Ocorrida em 63 a.C., a conjuração de Catilina terá como relatores Cícero e Salústio, sendo que, o relato do conflito será feito pelos vencedores, não existindo a visão do acontecimento por meio daqueles que foram atuantes no conflito ao lado de Catilina. De Cícero temos o registro das *Catilinárias*³⁴, obra em que por meio de quatro discursos, dois pronunciados no Senado e dois para a população de Roma, o então Cônsul na época, identifica e desmascara os planos da conjura, sendo também o responsável pelo julgamento dos revoltosos, em que os mesmos são condenados à pena de morte. Já em Salústio, encontramos uma análise realizada após a morte de todos os

³³ SALÚSTIO. *Guerra Catilinária*. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990.

³⁴ CARLETTI, Amilcare. **Os Grandes Oradores da Antigüidade**: Cícero, As Catilinárias. São Paulo: Liv. e Ed. Universitária de Direito, 1999. 2ª Edição.

que estiveram envolvidos com a conjuração e, nela, encontramos não apenas um simples registro dos fatos, mas, sim, uma obra que se preocupa em ver o ocorrido em relação com o conturbado período político por que passava Roma. É tendo em vista esta característica, que nosso foco será o texto salustiano, perpassando, é claro, por alguns fatores levantados por Cícero, mas sendo nosso objetivo demonstrar como Salústio constrói seu personagem tendo em vista o exemplo que se poderia advir de seu modelo.

Caio Salústio Crispo nasceu em 86 a.C, em Amiterno – Sabínia. Mudou-se para Roma no intuito de ingressar na carreira política e em 52 a.C é nomeado tribuno da plebe. Partidário de César foi nomeado procônsul de África Nova em 46 a.C. Com a morte do “ditador” em 44 a.C. retira-se da vida pública, indo para os “Jardins de Roma”, sua residência, lugar em que se dedicará à tarefa de escrever monografias até a sua morte em 35 a.C. De sua obra temos: *A Guerra de Jugurta*, *Histórias* e *Guerra Catilinária*; nosso objeto de análise.

Salústio inaugura a monografia histórica e seu texto procura refletir sobre os processos de derrocada do Estado que ele presenciava, visto que já se percebia que as instituições republicanas, tal como eram concebidas no passado, não mais existiam. Desta forma, ao escrever a conjura de Catilina, a proposta de seu tema é o mostrar não só como uma eminência da crise, mas como a própria desestruturação política revelava personagens como o que ele retratava. Assim, não é tanto Catilina que contribui para uma destruição dos moldes tradicionais de sociedade, é, antes, a deturpação destes moldes que criam homens como Catilina. Ao que Silveira nos diz:

Além da corrupção política e economia que agrassava Roma, Salústio enfatiza a crise de valores por que passava a *Urbs*, onde um passado saudoso, calcado na *virtus* e na *nobilitas*, contrastava com um presente deplorável, corrompido pela *avaritia*. Catilina e a conspiração que organizara seriam frutos do processo de decadência por que passava a República como um todo.³⁵

Desta maneira, podemos perceber, através do trecho acima citado, que o texto salustiano tem uma preocupação bem demarcada, na qual, mais do que demonstrar os fatos decorridos na conjura, proporia uma reflexão sobre uma decadência de valores. Esta constatação nos leva a reforçar, mais uma vez, o aspecto moralista que permeava a análise dos mais variados autores da época retratada. Temos, então, que Salústio nos

³⁵ SILVEIRA, Laura Ribeiro. **O retrato de Catilina em Salústio**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, 2003. 70fls. pp. 24-25.

lega uma narrativa permeada de exemplos que visavam a uma exortação da moral perdida nesta crise.

Escrita entre 43 a.C e 41 a.C, a *Guerra Catilinária* de Salústio apresenta-se como um texto rico em discursos, digressões e retratos, que visavam reforçar a sua ideia de crise moral; Catilina, o protagonista de sua monografia, aparece como o elemento central em que todos os dados acima mencionados irão aparecer, assim, Silveira afirma:

Desta forma, é a partir de Catilina que Salústio constrói todo o seu texto. Digressões, retratos, e discursos entram na composição da primeira monografia histórica romana, voltada, ainda, para a denúncia de uma crise e suas possíveis causas e conseqüências.³⁶

Observar a forma como o texto salustiano se constrói nos traz novamente para a questão da história exemplar, já que a monografia de Salústio é realizada com o intuito de ser útil aos jovens. Ao retratar Catilina como aquele que carrega as características negativas de um tempo, o interesse do autor é mostrar quais são elas e como elas devem ser evitadas. Tanto que seu protagonista não é isento de bons exemplos, pelo contrário, por vezes, Salústio nos mostra um Catilina que possuía coragem e nobreza, detalhe com que Silveira identifica o mesmo em sua dissertação de mestrado, como se fosse um herói transformado em anti-herói. Se seus princípios estabelecessem relação com uma sociedade isenta dos vícios, talvez sua atuação na mesma tivesse sido diferente. Por isso, Silveira coloca: “Salústio foi o único a conferir uma certa nobreza a Catilina, retratando-o com a culpa e a glória, desvelando-nos o herói subjacente ao vilão, a virtude transmutada em ambição”³⁷.

Apontamos para esses traços porque eles nos auxiliarão no decorrer de nosso estudo, visto que irão colaborar na compreensão das formas como Salústio realiza sua monografia. Assim, na próxima etapa, nosso foco será repensar a ideia de verdade relacionada à retórica, pretendendo explicar as principais características de ambas e como estas se encontram presentes no texto salustiano. Referir-se à verdade leva-nos a um conceito de tradição, a qual se relaciona com a manutenção de um saber prévio sobre os antepassados que nem sempre era questionado. Tal constatação nos traz a necessidade de perpassar a maneira como os historiadores realizavam seu trabalho na Antiguidade, afinal, como se escrevia a História entre os antigos? E como se mostrava a

³⁶ SILVEIRA, Laura Ribeiro. **O retrato de Catilina em Salústio**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, 2003. 70fls. pp. 55.

³⁷ Ibid. 73.

história romana por meio da obra de Salústio? Estas são algumas das dúvidas que movem a continuação de nossa análise.

2.1 A escrita da História na Antiguidade: a questão da verdade e o caráter retórico da historiografia romana.

O princípio fundador da história é, ao mesmo tempo, o seu obstáculo.
Luiz Costa Lima³⁸

Ao pensar em História, logo se tem em mente a propagação dos fatos como a verdade tal qual ocorreu, principalmente no que se refere ao senso comum e mesmo na academia, a noção de verdade histórica permanece, embora se saiba que ela não será recuperada totalmente como ocorreu. A busca pela verdade encontra-se, portanto, incompleta, ficando a cargo dos historiadores a análise e a crítica das histórias registradas que eles resignificam para o presente.

Entre os antigos a questão da verdade formulava-se de forma diferente do que para nós contemporâneos, sendo que de comum, a história entre antigos e modernos só possuem, de acordo com Veyne, o nome. A verdade era vista como tradição, não se questionava o que está no legou e, sim, através da captação dos fatos presentes, mantêm-se a tradição como o princípio. Diz-nos Veyne:

Pelo seguinte: o passado já tem seus historiadores, ao passo que a época contemporânea espera que um historiador se torne fonte histórica e estabeleça a tradição; como se vê, um historiador antigo não utiliza as fontes e documentos: é ele próprio fonte e documento; ou antes, a história não se elabora a partir das fontes: ela consiste em reproduzir o que delas disseram os historiadores, corrigindo e completando, eventualmente, o que nos dão a saber.³⁹

A História é, para os antigos, uma investigação. Como observamos no trecho citado, os historiadores anteriores eram acolhidos e reproduzidos, sem a geração de controvérsias. Sendo, pois, função do historiador antigo adquirir e compreender a tradição e repassá-la, interpretando-a e fazendo com que ela chegue de maneira inteligível ao seu leitor. A tarefa de interpretação é exclusiva do historiador, é

³⁸ LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006. É no capítulo retórica e a historiografia antiga que Lima traça o trecho em destaque, em que coloca a verdade histórica como o molde da disciplina, mas também seu grande obstáculo, uma vez que a verdade não será apreendida tal qual é.

³⁹ VEYNE, Paul. **Acreditaram os gregos em seus mitos?** Portugal, Lisboa: Edições 70, 1987.

exatamente por isso que ele não traz citações no corpo de seu texto, verificar dados é sua função e não do leitor.

Vemos, então, que o conceito de verdade é bem amplo, podendo estar na objetividade dos fatos, como também nas tradições transmitidas fosse por meios escritos, como por meio dos sujeitos que a recebem. Assim, temos que a historiografia antiga, mais do que se preocupar com relatos de verdade, procurava ser útil na sociedade na qual se construía. O que nos remete ao caráter exemplar da história romana, que procurava legar exemplos tanto do que deveria ser seguido, quanto daquilo a ser evitado. Para realizar esta função, muitos apontam, como Cícero, a função da construção retórica do texto, visando-se, sempre, a instrução do leitor.

É neste sentido que o trabalho de Teixeira⁴⁰ colabora para uma apreensão desta História como retórica, dentro do campo da instrução para o agir, própria a uma configuração da história como exemplo. Assim, temos que, para historiadores latinos, produzir uma lição de virtude era primordial, sendo os registros históricos propícios para emulações que visavam aos fins desejados. Em Cícero, isso aparece de forma ainda mais clara, quando coloca que o papel do historiador, ao conceber a História, deveria ser o de moldá-la pela construção de palavras e, estando ornada, contribuir para a utilidade da mesma perante o público. Ao que coloca Teixeira:

Para os latinos, a produção de uma lição de *virtus* pelo ouvinte ou leitor do relato histórico era o ponto crucial. Daí a relevância atribuída à questão do tratamento retórico da *expositio rerum gestarum*: se não houver a atualização de efeitos persuasivos junto a leitores e ouvintes, o relato será incapaz de fornecer lições adequadas.⁴¹

Tendo isso em mente, percebemos que o objetivo da retórica seria o de dar vida a história, tornando-a exemplar, em que serviria para o auditório visualizar os resultados da prática da virtude, através de uma moção e deleite ocasionado no mesmo. Sendo uma construção de palavras, esta forma de exposição dos fatos seria também, para Cícero, uma narrativa.

A meta, então, é não desvincular o verbo da ação, sendo importante manter o aspecto pedagógico da história, realizado por meio da narrativa utilitária que traria uma exposição baseada na verdade. E Teixeira afirma:

⁴⁰ TEIXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história. Belo Horizonte: *Varia hist.* vol. 24, no. 40. Jul/Dec. 2008.

⁴¹ Ibid.

Assim, o ato de deleitar a audiência, a que a história deveria visar inicialmente, não era tomado como um fim em si mesmo, isto porque havia claramente a prescrição de uma finalidade pedagógica dos relatos, na medida em que se esperava que estes visassem sobretudo à afirmação do útil.⁴²

Posto o caráter pedagógico da história, vemos que os relatos vão além de só prestigiar os acontecimentos “valerosos”, eles visam, antes, a tornar inteligível os fatos presenciados para as gerações futuras, é a construção de um caminho orientador da história. Teixeira nos aponta, ainda, que Salústio escreveria suas obras, estando em consonância com a percepção exemplar da História, fazendo valer a proposta de Cícero no que se referia à construção de uma obra histórica. *Guerra Catilinária* é, por conseguinte, uma narrativa construída dentro dos preceitos acima apresentados, em que sua utilidade última seria exortar os membros da sociedade romana dos perigos iminentes de uma Roma corrompida.

Por meio de digressões e discursos, Salústio torna seu texto atraente para qualquer leitor, o efeito dramático que se sinaliza em seus discursos, os valores que se perdem e para os quais ele aponta por meio de digressões, possuem características retóricas próprias a um modelo que visa ao ensinamento do leitor/ouvinte. Assim, Teixeira afirma:

Salústio, sem perder de vista a lição honesta afirmada no proêmio de caráter filosófico - “a glória das riquezas e da beleza é efêmera e frágil; a *virtus* é um bem esplêndido e eterno” -, constrói, em movimentos bem marcados, sua exposição da conjuração de Catilina, procurando seguir tanto o preceito tucididiano da *akribeia* como as regras elencadas no *De Oratore* sobre o tratamento da matéria e o estilo adequado à história: a narrativa é breve e suave, indo dos tempos antigos, descritos rapidamente como na parte “arqueológica” da história de Tucídides, aos tempos atuais, delineados em minúcias; discursos diretos expõem as motivações dos personagens, e possibilitam a demarcação de pontos de vista diversos; o acaso, a sabedoria e a temeridade são os critérios explicativos fundamentais das ações dos agentes; a amplificação das virtudes de César e Catão, assim como dos vícios de Catilina e seus asseclas, demarcam nitidamente o caráter destes, encadeando-se com as ações - as amplificações constroem o *ethos* em sentido retórico, mobilizando lugares-comuns de aceitação universal; trata-se, nesse sentido, menos da tentativa de delimitar as motivações dos agentes que da produção de hipóteses capazes de incidir na atenção dos ouvintes e leitores. Assim, o relato ornado, repleto de exemplos, sentenças, amplificações

⁴² TEIXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história. Belo Horizonte: **Varia hist.** vol. 24. no. 40. Jul/Dec. 2008.

e figuras engenhosas deleita num primeiro momento para, em seguida, persuadir os ouvintes e leitores no sentido da ação imitativa, segundo os modelos virtuosos apresentados.⁴³

Conforme visto na citação acima, percebemos que o texto salustiano se constrói tendo por base uma configuração retórica, contudo, nota-se uma necessidade de confrontar sua obra com as noções de oratória apresentadas por Cícero, dentre outros autores, que Teixeira afirma que o autor segue. Para tanto, partiremos de uma breve exposição de como se configura o texto de *Guerra Catilinária*, para depois compará-lo com a retórica exposta por Aristóteles e Cícero.

*Guerra Catilinária*⁴⁴ é, como afirma José Perez no prefácio da obra, um texto em que a paixão do autor pelo seu tema pode ser notada, o que coloca Salústio como um historiador que narra sua história com grande vivacidade. Desta forma, apresentar como o autor realiza a divisão interna de seu texto colabora para a percepção dos elementos que tornam atraente sua narrativa.

Visto isso, a primeira formulação que a obra nos traz é o posicionamento de Salústio em relação ao norte de seu tema e às dificuldades encontradas com a manutenção de uma verdade. Da delineação de seu objeto, vemos uma primeira atenção dada à natureza da alma humana e como optar mais aos desejos da alma do que ao corpo corresponde a um bom agir em vida, pois: “Porquanto formosura e riqueza são glória fugidia e frágil; a virtude clara e eterna”⁴⁵. Aqui, já se encontra presente, o desejo de nosso autor em postular uma supremacia da virtude.

Por isso, temos que sua tarefa primeira é a de exortar sobre os bons valores e como se deve evitar uma vida em ausência dos mesmos. Para tanto, a função daquele que escreve com esse fim é louvável, porém, de grande dificuldade, o que aparece nas próprias palavras de Salústio:

Não só porque as palavras devem corresponder aos fatos; mas porque, se repreendes delitos, serás taxado de malevolência e inveja, e se dos bons o grande esforço e glória referes, cada um acreditará de bom grado aquilo que julgar praticável, e o mais terá por fabuloso.⁴⁶

⁴³ TEIXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história. Belo Horizonte: *Varia hist.* vol. 24, no. 40, Jul/Dec. 2008.

⁴⁴ SALÚSTIO. *Guerra Catilinária*. In: *Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina*. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990. Importante dizer sobre a escolha da tradução utilizada é que ela não consta com a divisão tradicional de textos antigos em capítulos e versículos, portanto, as citações referentes a obra de Salústio não constarão com uma identificação que seja acessíveis em outras traduções.

⁴⁵ Ibid. 27.

⁴⁶ Ibid. 28.

Tal constatação faz com que nosso autor se identifique ao seu público como um grande conhecedor da sociedade que apresenta, tendo sido ele também, um jovem que se seduziu pelas honrarias e glórias que permeavam o mundo romano e, é com essa autoridade de quem presenciou, que voltado para uma “nova vida” a virtude do estudo o levaria a narrar os perigos da ambição, ao que ele coloca: “Escreverei, pois, a conjuração de Catilina com a maior concisão e verdade que puder”⁴⁷.

Tendo, então, delimitado neste início a oposição entre a virtude e o vício, elegendo a virtude como o padrão a ser seguido e colocando-se como um escritor que pretende redigir com o máximo de veracidade, Salústio nos apresenta sua personagem – Catilina:

Lúcio Catilina, de nobre ascendência, foi de grande força de alma e de corpo; porém de má e depravada índole. Desde a sua adolescência, as guerras intestinas, as mortes, as rapinas, as discórdias civis gratas lhe forma, e nelas empregou a mocidade. Seu corpo era sofrendor de privações, vigílias, rigores de tempo, além de toda a crença. Era seu ânimo atrevido, caviloso, volúvel, capaz de toda a simulação e dissimulação, cobiço do alheio, pródigo do seu; de bastante eloquência, saber pouco.⁴⁸

Vemos que Catilina é um amálgama de todos os vícios, mas o que o teria levado a um tão alto grau de corrupção? Salústio nos responde a essa pergunta localizando a personagem em um contexto, portanto, primeiro nos apresenta uma Roma de passado glorioso e memorável, mostrando, em seguida, como a conquista de Cartago traz a opulência de onde irá advir todos os males: “primeiro a sede de ouro, depois a de império cresceu: e foram estas as fontes de todos os males”⁴⁹. Colocada a premissa da ambição sobre todas as coisas, valia, “a ter antes boa cara, que boa alma”⁵⁰. Percebemos, assim, que Salústio identifica sua época como a da derrocada de valores que outrora fizeram a grandeza de Roma e é por meio da noção de degradação que ele nos mostra como o cenário romano muda de uma cidade da *virtus* para a cidade da corrupção, na qual a avareza, a crueldade, a soberba e a venalidade torna corrupto o que antes era repleto de glória.

⁴⁷ SALÚSTIO. Guerra Catilinária. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990.

⁴⁸ Ibid. 29.

⁴⁹ Ibid. 31.

⁵⁰ Ibid. 31.

É em meio a essa decadência moral que surge Catilina, membro atuante desta sociedade e que fora partidário de Sila, quando este exerceu seu poder em Roma e o qual é o responsável pelo primeiro abalo dos moldes republicanos.

Explicitado o lugar do qual fala, o texto salustiano mudará o seu foco, passando a se concentrar na conjura de Catilina. Neste ponto, a estrutura do texto adquire formas que visam torná-lo vivaz; como recurso para atingir este intento, Salústio utilizará de discursos que darão vozes a suas personagens. Assim, teremos na obra, cinco discursos: dois de Catilina, um de Mânlio, outro de César e um de Catão.

De Catilina temos os discursos que abrem e fecham a exposição acerca da conjuração, temos, através de sua fala, um início em que são colocadas as características de um cenário político conflituoso, em que os conjurados procuram obter glórias por outros meios que não os legais, visto as dificuldades de se conseguir vantagens políticas pelos meios válidos. Assim, “ouvimos” Catilina bradar em sua primeira reunião com os participantes da conjura: “Ei-la, ei-la, essa liberdade que tanto desejais, e com ela as riquezas, a honra, a glória vos estão ante os olhos!”⁵¹. Nota-se, pela fala citada, que a grande preocupação é a aquisição de glórias e riquezas, ambição que degrada os valores e corrompe os ideais da República, como Salústio já colocava ao princípio de sua obra. A última fala, dirigida aos soldados, já no desfecho da conjura, o nada virtuoso Catilina aparece como um bom líder que nunca abandona o seu exército. Ao que ele diz:

Soldados! Quando eu vos considero, quando as vossas façanhas contemplo, alta esperança de vitória concebo. O brio, a idade, a vossa firmeza me alentam, e também a necessidade, que ao mesmo aos covardes faz fortes.⁵²

A diferença entre o primeiro e o último discurso de Catilina é que ele, até então, arauto dos vícios, passa a denotar virtudes como a coragem. Ao que Salústio coloca:

Catilina, entretanto, com um troço de tropas ligeiras discorria pela primeira linha, socorrendo os que via em aperto, rendendo por sãos os feridos, provendo a tudo, combatendo forte ele mesmo, e muitas vezes ferindo o inimigo; valoroso soldado e bom capitão a um tempo.⁵³

⁵¹ SALÚSTIO. Guerra Catilinária. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990. pp. 37.

⁵² Ibid. 61.

⁵³ SALÚSTIO. Guerra Catilinária. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990. pp. 62.

Esta passagem nos sugere a pergunta: a eminência da morte torna o homem vil, virtuoso?

O que nos leva para os discursos que formam o preâmbulo entre o primeiro e o último discurso acima analisados, que se referem às falas de César e Catão. Escolhemos deixá-los por último por sua peculiaridade ao dissertar sobre a punição dos conjurados: seria a pena de morte um castigo útil? Para César a morte não consistiria em uma punição, visto que ela livra o homem das amarras do sofrimento em vida, a morte é, para ele, não um castigo e, sim, uma libertação. Já a visão de Catão é bem mais severa, preservar a vida de detratores fragiliza a correção, não há neles elemento algum que favoreça a uma não repetição dos erros, ao que coloca:

Catilina com seu exército nos está batendo às portas; dentro dos muros, no seio da cidade outros inimigos existem; nem fazer, nem consultar podemos coisa alguma em segredo; tanto mais devemos por isso apressar-nos.⁵⁴

Para que sirvam de exemplo, os conjurados precisam ser condenados, realizadores de inúmeros crimes, sua punição é necessária para afastar não só os perigos atuais da república, mas para evitá-los futuramente. Torna-se, claro, portanto, que a pena de morte é, para Catão, útil, pois ensina através de atos que não devem ser cometidos.

Salústio não opina sobre qual das avaliações seria a melhor, mas coloca, de uma maneira muito peculiar, que a morte dos conjurados, à parte de seu caráter utilitário, foi um momento de glória, em que a coragem de Catilina o leva para a morte sem negar seus ideais. É um momento ambíguo no texto salustiano, já que o vilão parece se transmutar em uma espécie de herói distorcido.

Percebe-se, porém, em detrimento da percepção da ambigüidade, que há em Salústio uma construção textual que procura levar ao seu leitor um posicionamento sobre a definição da virtude dentro desta Roma corrompida. É neste sentido que acreditamos que nosso autor, para uma melhor aplicação de suas ideias, recorre à retórica para a construção de seu texto. O que nos leva para um próximo ponto em nossa análise, que visará a uma comparação do texto salustiano, com os elementos retóricos levantados por Aristóteles e Cícero, procurando identificar os caracteres retóricos que ele apresenta.

⁵⁴ SALÚSTIO. Guerra Catilinária. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990. pp. 57.

“A retórica é útil, porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que seus contrários” (IV – 12)⁵⁵. Um dos primeiros elementos que destacamos na retórica apresentada por Aristóteles é o seu caráter de utilidade, sendo esta calcada na possibilidade de se persuadir por aquilo que se considera justo e verdadeiro, procurando meios para convencer sobre uma dada questão. Dessa maneira, percebemos que o uso retórico buscaria por meios persuasivos, convencer a um auditório que determinada questão explanada seria útil para o agir, sempre procurando demonstrar uma noção de verdade presente em seu modelo. Ao que Aristóteles coloca:

Mas a retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir. Por isso dizemos que ela não aplica suas regras a um gênero próprio e determinado.⁵⁶ (I, 1)

Vemos, então, que não há uma espécie de gênero específico para a retórica, sendo que ela pode aparecer nas mais variadas construções linguísticas, como é o caso de *Guerra Catilinária*. Na sua construção podemos observar bem o papel do que se considera útil e verdadeiro para se persuadir nos atos de um bom agir, como é o caso das colocações moralistas de Salústio dentro do texto, todas elas exemplos de virtude que visam colaborar para uma instrução para a vida. Neste sentido, o texto histórico apresenta-se exemplar, e a colocação dos fatos por Salústio se comprometem em fazer valer este modelo, em que:

Entre as provas fornecidas pelo discurso, distinguem-se três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, nas disposições que se criaram no ouvinte; outras, no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar.⁵⁷ (II,3)

Lembrando-nos do que já foi exposto do texto salustiano, vemos que as características morais e as formas com que elas são postas para demonstrar aos leitores/ouvintes a instrução desejada, se encontram presentes em sua obra, o que nos faz confirmar o trecho citado como modelo para a forma como Salústio monta a exposição dos fatos com que trabalha. Ao que temos a conclusão de Aristóteles que serve bem para a nossa análise em que afirma: “Enfim, é pelo discurso que

⁵⁵ ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antonio Pinto de Carval. São Paulo: Edições de Ouro, 1980. pp. 40 (IV – 12).

⁵⁶ Ibid. pp. 42 (I, 1).

⁵⁷ Ibid. pp. 42 (II, 3).

persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que parece ser a verdade, de acordo com o que, sobre cada assunto, é suscetível de persuadir”⁵⁸(II, 6).

A escolha de uma verdade ou do que parece ser verdade é feita a partir daquilo que serve como exemplo para demonstrar uma dada realidade ao público. A opção de Salústio pela conjura de Catilina se observa exatamente nesses critérios, nos quais a história que narra, passa a ser não só útil, como também serve para demonstrar a realidade vivida pela sociedade romana. Por meio desta percepção, podemos entender quais os objetivos de Salústio ao escolher a *virtus* como necessariamente aquilo que “salva” as instituições de um povo, tanto que ao contrapor vícios e virtudes em Catilina, não deixa de louvar aquilo que seria bom em sua personagem, ainda que seu posicionamento como o “vilão” repleto de vícios seja de maior destaque do que seus elementos virtuosos. É percebendo a importância da exaltação da virtude que achamos válida a afirmação de Aristóteles:

O belo é o que, sendo preferível por si, é digno de louvor, ou que, sendo bom, é agradável pelo fato de ser bom. Se o belo corresponde a esta definição, a virtude é necessariamente bela. A virtude, segundo parece, é a faculdade que permite adquirir e guardar bens, ou ainda a faculdade que nos põe em condições de prestar muitos e relevantes serviços, serviços de toda sorte em todos os domínios. As partes da virtude são: a justiça, a coragem, a temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberalidade, a mansidão, a prudência, a sabedoria.⁵⁹ (IX, 3 – 5).

E ainda:

É belo ainda o que é memorável, e quanto mais memoráveis forem as coisas tanto mais belas são. O que nos acompanha mesmo para além da morte; o que é seguido de honrarias; o que é extraordinário.⁶⁰ (II, 25)

Belo é o que é memorável, Salústio considerava suas histórias tendo por objetivo narrar os feitos memoráveis, pois só se registra aquilo que é digno de ser lembrado. Por isso, sua história da conjuração preza por levantar a memória de fatos que marcaram a sociedade romana e ainda, com isto, exprimir o quão bela são as virtudes na formação da pátria ou, antes, em seu caso, como a detração das mesmas afeta o bom

⁵⁸ ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antonio Pinto de Carval. São Paulo: Edições de Ouro, 1980. pp. 43 (II, 6).

⁵⁹ Ibid. 76 (IX, 3 – 5).

⁶⁰ Ibid. 78 – 79 (II, 25).

funcionamento da Roma republicana. Assim, quando ele trabalha os valores presentes na prática da virtude, quer enunciar que o que é feito tendo-a por foco é algo bom e que o bom só é realizado por meio dela, portanto, quando mostra a decadência, ela se dá na medida em que, ausente a virtude, não há mais o bem na República e sim só atos que se transformam em pura corrupção e que levam à derrocada do que antes havia sido belo.

Visto isso, passaremos, agora, a analisar a obra de Salústio através das classificações retóricas postuladas por Cícero em *Do Orador*⁶¹, sendo auxiliados nesse processo pelo trabalho de Olivier Reboul⁶² que define o sistema retórico em seu livro *Introdução à Retórica*. A nossa preocupação, consiste, portanto, em perceber o texto salustiano dentro das configurações propostas por Cícero, da qual encontraremos, tal como posto por Reboul, a divisão da retórica em quatro partes: invenção, disposição, elocução (diz respeito à parte escrita do discurso) e, por último, a ação, que diz sobre a proferição efetiva do discurso. Dentro dessas quatro tarefas a serem exercidas pelo orador, também se encontram os três gêneros e as três formas de argumentos que ele pode vir a utilizar, do gênero temos: judiciário, deliberativo e epídítico; e dos argumentos: etos, patos e logos. Sendo que, dos argumentos, etos e patos referem-se ao caráter afetivo do discurso, enquanto o logos faz referencia a um caráter racional do mesmo.

Na *Guerra Catilinária* de Salústio, nos defrontamos com o exercer de três das quatro tarefas, em que o autor utiliza-se da invenção, disposição e elocução. Na invenção acontece a introdução do lugar no qual se dará o acontecimento dos fatos, escolhe-se este lugar-comum em que argumentos gerais podem ser conduzidos para argumentos particulares, em nosso modelo, podemos dizer que esta generalidade está na Roma corrupta e seu caso particular na corrupção de uma personagem-tipo, que é o próprio Catilina. Já a disposição consistirá na elaboração dos principais fatos que norteiam o argumento que está sendo apresentado, dispõem-se o que ocorreu, no caso da conjura, Salústio coloca ao seu público todas as ocorrências que envolveram Catilina, desde sua primeira fala às causas que colaboraram para a sua morte em campo de batalha. A elocução, como já explicado em partes acima, consiste na escrita do ocorrido,

⁶¹ CICERÓN. *El Orador*. Clássicos de Grecia y Roma. Alianza Editorial. S.A. Madrid, 2004. Além desta versão em espanhol, utilizamos também, ao trabalhar com o *Do Orador* de Cícero a tradução francesa: CICÉRON. *De L'Orateur*. Livre Deuxième. Traduit par Edmond Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

⁶² REBOUL, Olivier. O sistema retórico. In: *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

sendo orientada pelas etapas anteriores e é nela que o orador pleno se mostra, o que faz Cícero postular para o caso do historiador, a escrita breve e fluída de sua obra. Diz Cícero sobre a eloquência:

A esta elocuencia corresponde conducir los corazones, a ella corresponde moverlos em todos los sentidos; elaa penetra em neustros sentidos unas veces por la fuerza, otras insensiblemente; graba unas opiniones, arranca las ya grabadas.⁶³

E, continuando ainda a sua definição do orador perfeito, coloca a necessidade de se ter um bom posicionamento face aquilo que se descreve, sendo necessário a ele:

Há de conocer el significado, la forma y la categoria de las palabras, tanto aisladas como em combinación; después, las formas como se puede decir una cosa; de qué manera discernir se uma cosa es verdadera o falsa; qué se debe concluir en cada caso; qué es lo coherente y qué lo contrario a cada cosa; y, puesto que muchas veces se dicen expresiones ambíguas, de qué forma se puede distinguir y explicar cada uma de ellas.⁶⁴

O que vemos está em consonância com o texto salustiano, que sabe bem posicionar as palavras e as suas considerações, conduzindo ao efeito desejado de valorizar a virtude em detrimento de um cenário de corrupção. Neste sentido, Salústio, ao exortar a memória dos fatos da conjura de Catilina, o faz dando importância à disposição das palavras para o melhor entendimento, assim, Cícero coloca:

En un mot, celui qui revendique comme son droit d'embasser non seulement les objets de discussion ou les circonstances et les personnes spécifiées, c'est-à-dire tout les causes que viennent au forum, mais encore les questions générales et indéfinies, celui-là trouvera qu'il n'est pas un emploi de la parole qui reste en dehors de ses attributions.⁶⁵

O emprego da palavra deve seguir aquilo que o orador pretende expor em sua composição, assim, ao colocar circunstâncias e os objetos de discussão, todos esses colaboram para que se afirme a sua proposta inicial. No caso de Salústio, essa disposição é encontrada na medida em que seu texto nos guia para o entendimento

⁶³ CICERÓN. **El Orador**. Clássicos de Grecia y Roma. Alianza Editorial, S.A. Madrid, 2004. pp. 69.

⁶⁴ Ibid. 77 – 78.

⁶⁵ CICÉRON. **De L'Orateur**. Livre Deuxième. Traduit par Edmond Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

moralista de como a ausência de virtude colaborou tanto para a destruição de um homem – Catilina, quanto se mostrava mesclada nos acontecimentos contemporâneos da República corrompida. O que o faz sempre exaltar os tempos antigos desta mesma república, sempre valorizando, como já dito, a virtude, que torna bela todas as coisas dispostas por ela.

Percebemos, então, por meio da comparação do texto salustiano com os autores que definiram a atividade retórica, como Aristóteles e Cícero, que nosso autor seguia a forma dos retóricos ao dispor o texto, sobretudo, no que se refere ao caráter exortativo em seu texto, seguindo à explanação do que é memorável e a importância da virtude, tal como colocada por Aristóteles e o destaque para a disposição textual apresentada por Cícero, a qual Salústio também segue. Das formulações propostas pela teoria ciceroniana é relevante notar que o texto salustiano encontra-se no tipo de argumentação referente ao *etos* e o *patos*, em que sua narrativa concentra-se antes numa função afetiva de sua história do que ao argumento do *logos*, não que ele também não faça parte do texto.

Indicamos a argumentação afetiva porque esta colabora no entendimento do efeito dramático⁶⁶ proporcionado pela leitura da conjura de Catilina em seu leitor/ouvinte, o que causa a sensação de se estar à frente não de uma obra histórica – a princípio – e, sim, em frente a um texto literário de teor quase teatral. É essa aproximação do texto de Salústio com uma obra de ficção que nos leva à próxima etapa de nosso estudo, que pretende ir além do caráter retórico e moralista de sua obra.

Portanto, nosso objetivo, agora, é buscar identificar as maneiras como ele construía seu posicionamento face a história que narrava. A linguagem em Salústio sinaliza para uma construção que procura atribuir mais vivacidade à narrativa, o que contribuiria para a exortação por meio de sua leitura. O componente dos discursos e digressões, sempre focados na personagem central Catilina, aparecem para gerar uma dramaticidade, que tem por objetivo aproximar o leitor da história. Dessa maneira, procuraremos mostrar um Salústio que consegue construir uma história com características ditas de ficção que, antes de dificultar à apreensão da verdade histórica, contribuem para a sua compreensão, visto que sua obra, apelando para a admoestação por meio do caráter dramático, colabora com a ideia de uma história exemplar que vai

⁶⁶ A este efeito dramático referem-se muitos estudiosos que se dedicaram a estudar a obra de Salústio tais como, Laura Silveira, Felipe Charbel Teixeira, Renata Senna Garraffoni e Paulo Funari. Seguindo a interpretação deles, também consideramos o texto salustiano como de grande dramaticidade.

além da moral e proporciona o crescimento do leitor como instrução para o agir. Preocupada com uma ação posterior, a obra histórica de Salústio pode ser compreendida também através de elementos miméticos. Nossa pergunta é: como a narrativa auxilia a história na construção de um saber orientador do agir? E como elementos considerados ficcionais (em relação a uma criação narrativa) combinam-se com aqueles ditos históricos e auxiliam-se mutuamente para, através de uma atividade mimética, servir de referência para o agir? São essas perguntas que pretendemos responder em nosso próximo capítulo.

Capítulo 3

Concepção do sentido histórico: a constituição narrativa de sentido e seu caráter mimético.

Apontar os traços morais e retóricos da historiografia romana, tendo por modelo Salústio, leva nossa pesquisa a procurar um terceiro ponto nesta formatação do conhecimento histórico: a narrativa. Como vimos, alguns elementos do texto salustiano, como seu teor dramático, fez com que sua monografia histórica fosse vista como ficção, não relevando a contribuição de sua narrativa para com a história romana. Desta maneira, nossa proposta é mostrar seu narrar como uma maneira diferente de se trabalhar com o constructo histórico, retirando deste ficcional sua significação como mentira e dando a ele outro significado, que o torna, em vez de um contrário, uma parte indissociável da construção do saber histórico.

Tendo em mente este objetivo nosso próximo passo é mostrar como os traços narrativos têm contribuído para que a explicação dos fatos históricos seja dotada de sentido. Procuraremos, então, pontuar as características narrativas que contribuem com a história quando esta se coloca sob a posição de orientadora para o agir. Tal noção colabora para que a história se torne passível de conhecimento, conquanto o caráter de orientação deva estar presente ao elaborar o seu conteúdo, o que se deve ao fato de que o passado a ser narrado deve se fazer compreensível ao presente. Assim, uma significação só pode ser adquirida por meio da intenção presente no articular de uma experiência passada. Desta forma, um sentido histórico se formaria quando esta articulação alavancasse um ideal de continuidade. Ao que Rüsen aponta:

...uma história elabora uma *significação* que repousa sobre algo diferente da experiência do passado: como experiência, só a relação com as intenções torna-a significativa (poder-se-ia dizer também “relevante”, “substantiva”, “apta a ser assumida”). O que, então, torna as histórias significativas? Elas são significativas à medida que conseguem relacionar as experiências do tempo passado com as intenções projetadas de seus destinatários.⁶⁷

Isto nos remete a uma história que leva em consideração a experiência temporal para a elaboração de sua capacidade orientadora, em que elas devem ser capazes de

⁶⁷ RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica** – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. pp. 88.

produzir uma mediação entre experiência e significado, criando uma unidade representativa que seja passível de esclarecimento para o ser humano de sua ação no tempo: "... os destinatários das histórias estão dispostos a servir-se delas para orientar-se no tempo, pois estão convictos de que as histórias são capazes de tanto"⁶⁸. A capacidade instrutiva desta história já se encontra presente em uma tradição, na qual as três temporalidades humanas estão unidas e, em que as críticas elaboradas sobre ela, mostra interpretações e intenções referentes a atuação do homem no tempo.

Por isso, a pertinência das histórias só é garantida quando estas são indicadas pela experiência. Daí a clara necessidade, posta por Rüsen, da prática histórica estar sempre ligada à vida prática e o seu contato com esta se dar através das construções narrativas. Como isso seria possível? É na função narrativa que fatos e normas podem se relacionar para produzir, além de uma continuação temporal, o sentido da História. Sendo assim, para Rüsen, é no critério da pertinência narrativa que a noção de validade histórica é formulada. Ao que coloca: "É nele que culmina a pretensão de validade que as histórias têm ao dirigir-se àqueles que querem servir-se delas para orientar-se no tempo?"⁶⁹

É tendo como foco esta afirmação, que nossa proposta agora se dirige a uma análise da narrativa como auxiliar importante na construção de um sentido histórico; sempre tendo em vista a postulação por Rüsen do caráter útil para a vida prática que esta elaboração narrativa possui.

Assim posto, estabelece-se que a narrativa é capaz de fornecer elementos de interpretação de si mesmo e do mundo. Atribui-se a ela uma certa universalidade, visto que permeia todos os campos da vida humana. Ao que coloca Barthes:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matérias fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomina, na pintura (recorde-se a Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinho, no *fait divers*, na conversação. Além disso, sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a

⁶⁸ RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica** – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Ibid. 86.

⁶⁹ Ibid. 93.

narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, transhistórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida.⁷⁰

Vemos, então, que a narrativa aparece como constante nas explicações humanas concernentes à vida, trazendo também em seu corpo a apreensão de uma experiência no tempo que colabora, como diz Rüsen, com uma orientação para a vida prática. Mas, como isso ocorre? Encontramos essa resposta quando nos confrontamos com o texto e percebemos que seu encadeamento estrutural proporciona uma sensação de completude em que, diferentemente dos processos de ação em que o tempo é uma constante indivisível, na narrativa ele pode ser dado a conhecer através de estruturas de começo, meio e fim, e, em passado, presente e futuro.

É de acordo com este princípio que Rüsen identifica o esquema narrativo com o de explicação histórica, estando de acordo com o modelo de Danto, no qual temos a articulação na narrativa em uma situação inicial (F), seguida a um acontecimento (G), que culmina em uma situação final (H). Encontra-se ainda, nesse processo o sujeito (S) que o vivencia. Como exemplo, utilizemos Catilina, que apareceria na narração como o sujeito (S), a situação inicial (F) na qual se localiza seria a Roma republicana corrupta, o acontecimento (G) seria a conjuração realizada por S, assim G leva ao ponto da situação final (H) que se determina pela morte de S. Nota-se, dessa maneira, que “o esquema de uma explicação narrativa diz respeito, portanto, também ao pensamento histórico em seu todo”⁷¹. A noção de começo, meio e fim, também fundamenta a construção de uma explicação histórica. Sendo assim, explicação e intenção são efetuadas na narrativa. Ao Rüsen coloca:

O esquema de uma explicação narrativa é, ao mesmo tempo, o esquema elementar de uma história (começo, meio, fim da conexão temporal de uma mudança, de alguma coisa ou de algum acontecimento). A “forma teórica” de uma história corresponde a esse esquema elementar é o seu enredo: ele define o começo e o fim e

⁷⁰ BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: **Análise Estrutural da Narrativa**: Seleção de Ensaios da Revista “Communications”. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1976. 4ª edição, pp. 18-19.

⁷¹ RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado** – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. pp. 51.

enuncia que etapas narrativas (argumentativas) conduzem do início ao término.⁷²

É por isso que se diz da sensação de completude estabelecida no ato de narrar. O que não quer dizer que o texto torna-se fechado em si mesmo, pois a função de se articular o passado pelo presente é para que estes sirvam de auxílio em uma orientação quanto ao futuro; isto não quer dizer que há previsões “mágicas” em história e, sim, uma expectativa com foco em “uma esperança fundamentada”.⁷³

Percebe-se, então, que a elaboração de um sentido para determinada realidade se realiza por meio de uma narrativa histórica. Mas, como este sentido pode ser dado pela narrativa? Vimos que ela proporciona uma sensação de completude, o que faz necessário, agora, identificar como se configura esse sentido e como ele se coloca importante na fundamentação de uma história que se apresenta como orientadora do agir. Com isso posto, identificamos no recurso mimético dado por Ricoeur, a potencialidade de apreender o humano e colaborar com sua ação no mundo.

Para entender melhor a mimese defendida por Ricoeur como própria à narrativa, temos que ver esta prática do narrar como ato humano realizado para sua compreensão enquanto ser e um ser no tempo. A experiência temporal só é dotada de sentido quando narrada, é no texto escrito que suas dimensões se abrem para o entendimento. Colocando-se artificialmente na obra escrita, o tempo se mostra como passado, presente e futuro. Aqui, a linguagem traduz a vivência do homem no tempo. Ao que diz Rüsen:

Com outras palavras: a linguagem que sempre falaram, pois sua relação consigo mesmos e com o mundo está fundamentalmente determinada pelas interpretações do tempo, pelas atitudes quanto às experiências do tempo, por modelos de interpretações do tempo.⁷⁴

Vemos que a linguagem articula o sentido que damos ao tempo, contribuindo com nossa própria interpretação do mesmo. Assim, os elementos argumentativos de uma narrativa catalisa as experiências de vida e abre o espaço para a reflexão sobre elas. Por isso, se diz que ela procura traduzir a ação humana e dá a ela uma sensação de continuidade. Diz Rüsen:

⁷² RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado** – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. pp. 54.

⁷³ Ibid. pp. 52.

⁷⁴ RÜSEN, Jörn. **História Viva** - Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. pp. 35.

Elaborada essa série, cada princípio e o conjunto deles ainda pode ser diferenciado de acordo com as perspectivas que determinam a especificidade da constituição histórica de sentido, dentro do contexto da interpretação do tempo pela narrativa. Essas perspectivas são: a elaboração da experiência do tempo por meio da *memória histórica*, a formação de uma *representação da mudança temporal* (“continuidade”), que sintetize as três dimensões do tempo num construto abrangente de sentido e, por fim, a função de *constituição de identidade*, que articula a representação da mudança temporal, enriquecida com a interpretação da experiência histórica, com a vida concreta dos sujeitos.⁷⁵

Identificamos essa proposição com a construção mimética, que se realiza, a princípio, por meio da escolha de uma intriga e na elaboração de um enredo. Por intriga podemos entender todo ato humano que culmine em uma ação conflituosa, da qual ele não é o único envolvido, esse encadeamento da ação entre um sujeito central e os demais participantes dela formam um enredo que, além de levar em conta a ação, também apresenta um “pano de fundo” onde ela se realiza e possui, por objetivo, tornar inteligível a ação que ocorre naquele espaço de tempo. Dessa forma, enredo e intriga se tornam essenciais para a narrativa e, quando esta se mostra como histórica, vemos que ela se constrói tendo como material acontecimentos estabelecidos como reais; tal característica a faz levar em conta o próprio caráter mutável desta história que narra.

Percebido isto, como esta narrativa irá lidar com as ações humanas que narra? O primeiro elemento a ser considerado é a experiência, apontada também por Rüsen como memória histórica, quando esta é apreendida entra no campo de uma capacidade interpretativa, nela, o sentido histórico vai sendo construído. E é desta construção que parte o terceiro momento, a capacidade de se orientar no contato com essa interpretação. Tais postulações entram em consonância com a própria lógica mimética apontada por Ricoeur, em que a mimese forma uma tríade, relacionando a experiência temporal de sentido, da qual extrai os caracteres para seu entendimento da mesma por meio da interpretação dos dados fornecidos e, assim, levá-los de volta ao campo do agir. No último momento se aceitaria ou não esta orientação e reiniciaria o processo, formando um círculo, que de acordo com Ricoeur, não é vicioso, já que acompanha também as próprias mutações do campo da experiência. Visto isso, passemos a discorrer a noção de

⁷⁵ RÜSEN, Jörn. **História Viva** - Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. pp. 44.

tríplice mimese e de como esta contribui para a compreensão de *Guerra Catilinária*⁷⁶ de Salústio.

3.1 A tríplice mimese e sua aplicação em *Guerra Catilinária* de Salústio.

Sabendo que o movimento histórico é constituído de ação, percebemos que ele não pode ser conhecimento estagnado, é mutável e fala de acordo com o seu próprio tempo. O que nos coloca que toda história narrada carrega o exemplo dentro de si. Por isso, o leitor quando recebe essa ação representada na palavra, sendo ele mesmo um sujeito histórico, é capaz de reconhecer o exemplo. Dessa maneira, vemos que a linguagem narrativa leva a uma compreensão da ação.

É Ricoeur que coloca a narrativa como aquela a dotar de sentido o vivido e capaz de articular o tempo com uma ordem lógica. É nela, também, que a formulação da intriga possibilita a significação do inteligível de determinado conhecimento, sendo ela formada na medida que um historiador seleciona o seu objeto de estudo e é dentro dela que podemos ver a atuação da mimese, que, quando realizada no começo, meio e fim da estrutura narrativa fornece uma unidade. Portanto, esta unicidade apresenta a intriga como um tempo articulado que transforma nossa própria experiência dentro deste tempo construído. Diz Ricoeur: "... que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal"⁷⁷.

Desta forma, quando a temporalidade é levada à linguagem vemos que o papel da intriga aparece como uma reconstrução da ação humana. É devido a isso que a narrativa histórica nunca relata o passado tal qual foi, ela é, antes, uma representação deste passado construída pelo sujeito. Apresentar o caráter mimético dessa construção é mostrar como ela se realiza. Sendo assim, temos três momentos da mimese apresentados por Ricoeur, no qual temos mimese 1 (M1), mimese 2 (M2) e mimese 3 (M3). Podemos dizer, antes de maiores detalhes que M1 é o contato com a ação em si, M2 como reflexão dessa ação, que se solidifica em uma obra escrita e M3 que seria a recepção desta obra já significada para a compreensão. A tríplice mimese apresentaria,

⁷⁶ SALÚSTIO. *Guerra Catilinária*. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990.

⁷⁷ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo I. Campinas: Papirus, 1994. pp. 85.

também, a ideia de circularidade, mas que, nas palavras de Ricoeur, não é um círculo vicioso.

Referente à ação, a mimese 1 tende a se caracterizar no momento em que a intriga formula uma pré-compreensão de mundo, o que ocorre através da procura das respostas do “por quê” e do “quem” realizou a ação. O jogo realizado pelas perguntas permite a percepção de traços estruturais, simbólicos e temporais que fazem parte da ação e conduzem, diz Ricoeur, principalmente no que concerne a sua temporalidade, à possibilidade e necessidade de narrá-la. Tal constatação nos leva ao formato do discurso narrativo, visto que esse se constrói tendo por base frases de ação, o que leva a uma relação de transformação gerada pela tessitura da intriga em contato com os termos próprios dessa ação.

Quanto a essa possibilidade de ser narrada, Ricoeur nos aponta que para isso já há a articulação da ação em signos, o que auxilia na mediação que visará tornar o texto inteligível. Diz-nos Ricoeur:

Se se pode falar contudo da ação como de um quase-texto, é na medida em que os símbolos, compreendidos como interpretantes, fornecem as regras da significação em função das quais tal conduta pode ser interpretada.⁷⁸

Dessas condutas a serem interpretadas vemos que elas fazem parte de uma cultura e que traz as visões da ação por meio de uma moral estabelecida. É por meio destas características que os agentes podem ser classificados como bons ou maus, cuja separação evidencia a problemática da manutenção de uma neutralidade ética. Se pegarmos nosso modelo – Salústio, considerando seu texto como narrativo, perceberemos bem essa dificuldade de um discurso neutro e de como há, em *Guerra Catilinária*⁷⁹, esta noção moral que realiza um posicionamento dicotômico do ocorrido. A fase de pré-compreensão pode, então, ser vista no texto salustiano por meio dos valores romanos que o próprio Salústio diz ter vivenciado, o que o coloca como conhecedor do ambiente de ação humana que ele narrava. Visto que dizia: “Jovem ainda, eu a princípio fui como os outros, levado pela ambição aos públicos empregos, e ali encontrei não poucas adversidades”⁸⁰. Temos, com isso, que em M1, para imitar e

⁷⁸ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo I. Campinas: Papirus, 1994. pp. 93.

⁷⁹ SALÚSTIO. *Guerra Catilinária*. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990.

⁸⁰ Ibid. pp. 28

representar a ação humana é preciso uma compreensão prévia do agir humano em um determinado contexto.

À mimese 2 cabe a função mediadora entre o que se encontra em M1 e ao que se chegará em M3. Aqui, a intriga apareceria como uma síntese do heterogêneo, em que a sucessão de fatos pode receber uma configuração por intermédio desta mesma intriga. É o sequenciamento proposto por essa síntese que fará com que o ato configurante transforme os acontecimentos narrados em uma totalidade significativa. Este significar fornece à intriga um caráter de utilidade ao pensamento, ao que Ricoeur diz:

Compreender a história, é compreender como e por que os episódios sucessivos conduziram a essa conclusão, a qual, longe de ser previsível, deve finalmente ser aceitável, como congruente com os episódios reunidos.⁸¹

Esta colocação também nos leva a como uma tradição é mantida pela narrativa, em que cuja estrutura aparece como sedimentação e inovação, que não se desvincula de seu princípio (tradição). Portanto, a imaginação criadora da articulação de conteúdos em M2 não surge do nada, ela tem seus pés fincados em um saber anterior que erige as próprias bases do saber atual que ela constrói. Assim, temos que, em Salústio, M2 é a própria elaboração de seu trabalho, no qual sintetiza os elementos da conjura e enfoca a virtude como o valor que sustenta uma República gloriosa. Seu apontamento inova ao mostrar o que se perde, em termos de uma tradição a ser mantida, com os valores virtuosos esquecidos na Roma corrupta.

Em mimese 3 temos a interação do mundo do texto com o mundo do leitor, o que mostra que a narrativa realiza o seu sentido quando volta para o campo do agir. Seu papel é, de acordo com Ricoeur, estabelecer a concordância na discordância, ela seria um meio de trazer consolo face a infirmitade da vida, criando pontos fixos onde não existiria nenhum. Tal apontamento nos remete a Nietzsche⁸², quando este diz que o intelecto humano forma ilusões para que o homem não veja o caos em que habita. Assim, mesmo que se perceba o informe, o ser humano procura uma ordem que o leve a entender este ambiente.

⁸¹ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo I. Campinas: Papirus, 1994. pp. 105.

⁸² NIETZSCHE, Friedrich. Verdade e mentira no sentido extramoral. *Comum*. Rio de Janeiro: v. 6 – no 17 – p. 05 à 23. jul./dez. 2001.

É por isso que o fora e o dentro do texto são capazes de influenciar, sendo a narrativa configurada dentro da possibilidade de ser seguida, ou seja, estabelecer uma orientação, nela, seu leitor entra como um atuante em potencial. Diz Ricoeur:

É finalmente o leitor que conclui a obra na medida em que, segundo Roman Ingarden em *Estrutura da Obra literária* e Wolfgang Iser em *Der Akt des Lesens*, a obra escrita é um esboço para a leitura; o texto, com efeito, comporta buracos, lacunas, zonas de indeterminação e até, como o *Ulisses* de Joyce, desafia a capacidade de o próprio leitor configurar por si mesmo a obra que o autor parece ter um prazer maligno em desfigurar.⁸³

Neste sentido, a experiência se abre a um horizonte interno e externo, no qual no primeiro se delinea o objeto a ser descrito e no segundo se mantêm relações com algo fora do discurso. Vemos, também, que a linguagem não se torna um mundo, mas o meio pelo qual o mundo pode partilhar a sua experiência, em um processo de reflexão. Ricoeur, então, coloca: “A linguagem é por si só da ordem do Mesmo; o mundo é o seu Outro. A atestação dessa alteridade pertence à reflexibilidade da linguagem sobre si mesma, que, assim, sabe-se no ser a fim de *referir-se* ao ser”⁸⁴.

E complementa:

O que um leitor recebe é não somente o sentido da obra mas, por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade que ela exhibe diante de si.⁸⁵

Dessa maneira, um mundo refigurado pela configuração narrativa, auxilia no caminho da percepção do ser, enquanto ser-no-mundo. É por isso que a historiografia possui um aspecto realista que nenhuma outra instância narrativa supera, pois fala diretamente a esse homem da peculiaridade de sua presença neste mundo. Faz ser compreensível, portanto, passado/presente e proporciona perspectivas de futuro.

O texto salustiano também encontra seu lugar em M3, na medida em que a obra de Salústio permite pensar o texto em contato com o seu leitor. Como vimos, a pretensão do círculo mimético é conduzir para uma apreciação da escrita que extravase a palavra impressa, pois quer se fazer útil na vida prática de seu público. É por isso, que a historiografia romana, aqui representada por Salústio, atua, por suas características

⁸³ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo I. Campinas: Papirus, 1994. pp. 118.

⁸⁴ Ibid. pp. 120.

⁸⁵ Ibid. pp. 120.

demonstradas no decorrer deste trabalho, como instrução para o agir, fazendo-se dessa forma uma história exemplar. Mas, já não mais nos referimos a um exemplar que não respeita o caráter mutável da história e, sim, a um exemplo que respeita as particularidades e sua atuação no conjunto de acontecimentos, como propunha Koselleck. Assim, o exemplo indicaria ao sujeito que o recebe, elementos que o ajudariam a refletir e a mudar o seu próprio agir no presente.

Para demonstrar melhor como a tríplice mimese se realiza dentro do texto salustiano devemos, primeiro, perceber que esta sua divisão em três momentos de atuação é colocada para melhor se compreender o círculo que a mimese realiza em relação à obra e seu leitor, cujo foco deste diálogo será a ação. Já vimos, durante nossa análise, que a preocupação com o campo do agir é recorrente tanto nas postulações morais quanto na retórica e, na mimeses, este se torna o próprio fio condutor da obra.

Há em Salústio esta centralidade da ação, é ela que desencadeia os motivos da conjura e, é ela que traz a validade da participação do autor no serviço político dos tempos finais da República. Por isso, no início de sua obra temos a referência aos movimentos do corpo e da alma e de como esses interfeririam na ação do homem. E, temos ainda, neste momento, a constatação da brevidade da vida humana, o que faz com que a humanidade procure construir uma memória de si. Este processo de busca quer entender essa atuação no mundo que clama ser memorável, em Salústio, ela sinaliza o estágio de pré-compreensão indicada em M1. Temos, então, que para realizar sua apreciação da ação em seu tempo, nosso autor também aparece como mediado por pensadores e pela realidade do período romano em que viveu, o que o colocaria como advindo de uma mimese 3.

A ação é, portanto, o mote. Quando Salústio chega ao momento de M2, o vemos realizar uma reflexão, que leva à pergunta: como pensar a realidade vivida? Seu ponto-chave é a corrupção moral e ela, não outra coisa, deturpa a antes gloriosa Roma. Pensar este cenário o faz dar a ele uma significação, a qual aparece, primeiro, por um apontamento dos tempos de glória, para depois apontar quais caminhos os atos humanos levaram a República:

As rixas, as discórdias, todos os seus rancores eram com os inimigos: cidadão só contendia com cidadão em virtude. Eram magníficos no culto dos deuses, parcios em casa, com os amigos fiéis. Com estas duas

virtudes, valor na guerra, e quando a paz chegava, justiça, curavam todos os seus males e os do público.⁸⁶

E a decadência:

Porquanto a avareza destruiu a boa fé, a probidade, e todas as mais virtudes, deixando em seu lugar, a soberba, a crueldade, o desprezo dos deuses, a venalidade. A ambição desterrou a sinceridade, ensinou a ter uma coisa nos lábios, outra no coração, a estimar as amizades e inimizades, não pelo que em si são, mas pelo interesse, e a ter antes boa cara, que boa alma.⁸⁷

Podemos perceber claramente, por meio dos trechos citados, a classificação da ação por meio de um viés moral. A construção do cenário da conjura de Catilina é feita por meio de modelos de uma moral e a ausência desta fundamentará os personagens-tipo de sua história. Catilina, César, Catão, Mânlio e até Cícero, tem suas ações distribuídas de acordo com esses elementos. Configura-se aquilo que é bom ou mau, ainda que, Salústio, ao final de sua narrativa, formule Catilina como um personagem ambíguo.

Dessa forma, aponta-se o momento de M2, quando Salústio finalmente apresenta a conjura. Já que, em elementos anteriores, como sua reflexão sobre a alma e o corpo, corresponderiam a M1, visto que as partes anteriores à conjura aparecem como pré-compreensão deste ambiente em que o autor está inserido.

Passemos, então, à mimese 3, a qual se delineia em dois momentos: o fechamento da conjura de Catilina por meio de uma ambigüidade que leva à postulação de perguntas que envolvem a questão da validade da vida e, quando chega ao leitor de hoje e possibilita uma visão diferenciada da história romana. É tendo em vista estes pontos que notamos que é em M3 que o sentido da obra se constrói ou, antes, se faz disponível (em nível de sentido) ao leitor.

Não temos e nem é essa a nossa pretensão, tentar pensar a recepção da obra no ambiente em que ela foi produzida, visto à dificuldade de se encontrar esses dados, só sendo possível um ou outro apontamento referente à obra em historiadores posteriores, mas sempre num sentido de complementar uma informação fornecida por eles, o que só nos faz imaginar qual teria sido a sua repercussão. Tendo isso em vista, nossa proposta

⁸⁶ SALÚSTIO. Guerra Catilinária. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990. pp. 31.

⁸⁷ Ibid. pp. 31.

foi eleger outros modos de recepção, no caso, pensamos a interpretação do texto salustiano na época em que a história adquiriu o seu status de ciência. Vemos que, em face a essa construção da cientificidade histórica, que ocorre após meados do século XVIII e durante o século XIX, Salústio perderá seus traços de validade histórica e passará a ser visto como pertencente aos quadros das belas-letas, chegando até a adquirir uma classificação como clássico literário em que, ficção se entenderia, neste momento, como mentira em detrimento da verdade postulada pela história com pertinência científica.

A beleza da narrativa de Salústio é inegável, usa sim, de linguagem rebuscada e de efeito dramático em sua construção narrativa, mas isso não pode e nem deve, retirar dele o seu valor enquanto obra histórica. Neste sentido, nosso papel, como leitor em contato com seu texto é a de realizar uma resignificação daquilo que se lê, tendo em mente o seu valor para a historiografia. *Guerra Catilinária* não é uma verdade absoluta do ocorrido na revolta de Catilina, mas é uma das possibilidades de se visualizar o fato e que, conta ainda, com uma perspectiva de Roma, não por meio de apontamentos maçantes de sua política e, sim, uma narrativa vivaz que cumpre com seu principal objetivo: orientar para o agir.

Conclusão

A proposta desta pesquisa consistiu em repensar a historiografia romana, aqui representada por Salústio, através de seus moldes morais, retóricos e narrativos. Essa escolha não foi feita de maneira ingênua, sendo nosso objetivo apontar as problemáticas e os possíveis caminhos para o trabalho com a história antiga, que é diferente da nossa em variados aspectos. Dessa forma, nossa fonte, *Guerra Catilinária*, nos possibilitou o contato com inúmeros elementos próprios desta construção histórica antiga e de como esta se encontrava ligada aos parâmetros de uma vida prática. Assim, mais do que alavancar modelos historiográficos, procuramos nos deter em um ponto comum a eles, que seria a sua capacidade de orientar para o agir.

Com isso em mente, nosso primeiro capítulo, *República Romana: um ideal político ou moral?*, subdivido em dois tópicos, procurou, por meio de uma apresentação prévia do cenário romano no qual escreve Salústio, mostrar a elaboração de um conceito por Cícero, o qual veio a definir as formas com que os historiadores tratavam a história até meados do século XVIII. Este conceito foi o de *Historia Magistra Vitae* – História Mestra da Vida, que legou à história um caráter exemplar, que se tornou comum por meio da construção de regras, pontos de vista e princípios do agir. O *topos* não surgiu no ambiente romano, ele já era proveniente das histórias gregas, mas casou-se perfeitamente nesta Roma moralista que buscava criar princípios de ação válidos para a sua população. Foi essa construção de regras gerais do agir que levou o molde da história exemplar, tal como concebida no conceito de *Magistra Vitae*, a receber um caráter abstrato, capaz de todas as generalizações, conforme foi sendo aplicada em outras épocas. Esta aplicação abstrata fez com que seus *exemplas* fossem, com o desenvolver da historiografia moderna, perdendo seu status como orientação para a vida. Como isso ocorria? O primeiro problema da aplicação abstrata do *topos* era devido a sua não preocupação com as diferentes características históricas que cada época construía, com isso, ela desconsiderava a experiência temporal em suas peculiaridades. Mas, a capacidade exemplar não é abandonada de todo. Vemos que Koselleck aponta ser possível o uso dos *exempla* e dos quais reconhecemos ser os modelos de experiência aqueles ainda capazes de fornecer aos homens uma compreensão de si mesmos e do mundo.

Assim, por meio da exemplaridade própria à história, mais uma que seja mediada por uma reflexão prévia dos *exempla*, vemos que a orientação do agir pode ser

aqui formulada como identificação e interpretação da ação do homem no mundo. Associada à ação, a experiência passada pode ser articulada de maneira a fornecer sentidos para o agir. Ajuda a encontrar elementos para refletir a sua própria posição na vida prática e atuante do presente. Reconhecemos em Salústio essa preocupação; dessa forma, nossa primeira ambição foi encontrar na história exemplar dada pelo texto salustiano, essa preocupação não ainda com caracteres abstratos e sim, com características específicas para uma prática de vida. A história romana quer ser, antes de meros dados do passado, utilitária para aqueles que recorrem a sua leitura, o que já apontava Cícero, para o qual, a função dos historiadores seria interpretar o mundo de forma a dotá-lo de sentido para o homem que procurasse compreendê-lo por meio das páginas de sua obra.

Seguimos, então, para o segundo capítulo de nosso trabalho: *Salústio, Cícero e a Conjuração de Catilina*. A proposta deste capítulo era, primeiramente, a de retratar a quem se refere a conjuração e quais características morais e exemplares podem ser encontradas nela. Assim, em seu início, procuramos fornecer ao leitor dados que o ajudariam a compreender a personagem central da obra de Salústio – Catilina, o que seria importante para denotar os caracteres próprios de uma história exemplar, já apontada pelo primeiro capítulo. Desta forma, a avaliação do texto salustiano de seu personagem e do cenário do qual ele se insere é realizada por meio da constatação de uma ruína não física para os moldes republicanos e, sim, morais. Salústio quer apontar que, a derrocada da República é uma perda de valores virtuosos do passado, esquecidos devido à ascensão dos vícios na sociedade que se torna ambiciosa após a derrota de Cartago.

O exemplo é claro: os vícios corrompem a virtude. E é ela que se faz necessária para a manutenção da Roma gloriosa. Sem virtudes, ela perde sua força e lança-se por caminhos obscuros. Podemos ver que Salústio procura manter um foco nas tradições romanas, estas apontadas como sendo esquecidas e, um passado que não realiza mais suas funções de modelar o presente, demonstra que este presente quer ser independente dos predecessores de sua grandeza. O negar dos antepassados é negar também as virtudes deixadas como mote para a sociedade. Mais uma vez, nos deparamos com a ação, esta precisa ser fundamenta em modelos de agir, por isso, enquanto obra histórica, o texto salustiano procura refletir essa ação por meio de seus moldes utilitários.

Esta noção utilitária é bem apresentada por meio de recursos retóricos que aparecem na elaboração textual salustiana, principalmente quando dizem respeito a

estruturas que colaboram para persuadir para uma boa conduta. Nesta persuasão pelos modelos virtuosos, podemos notar que, por meio da análise de Aristóteles, a beleza atribuída à memória oferece os princípios de valorização das virtudes que colaboram para o alcance de algo bom. A ausência daquilo que se constituiu em um bem – a virtude – faz com que Salústio aponte a derrocada da república devido à ausência do que havia de belo em sua formação. Todos estes dados colaboram com o princípio de servir como orientação para o agir. A construção retórica de Salústio, mais do que provar ser nosso autor um bom orador e conhecedor das melhores formas de se dispor as palavras, aponta para a preocupação de conduzir a uma mudança da ação por meio da emulação de exemplos do que era bom ou mau. Encontramos, portanto, o segundo modelo de orientação para o agir, os motivos desta aplicação continuam os mesmos, refletir a ação para mudá-la.

Dessa forma, chegamos a nosso terceiro capítulo *Concepção do sentido histórico: a constituição narrativa de sentido e seu caráter mimético*. Que se caracterizou por uma proposta diferente de trabalho com o texto salustiano, do qual já havíamos apontado as possibilidades por meio das interpretações morais e retóricas de seu texto. A nossa pretensão, se realizou, portanto, na inclusão de Salústio como uma narrativa e como uma narrativa histórica. O objetivo? Tentar sinalizar, por meio das formas de construção narrativa, que seu texto não perde a validade histórica, e, sim, se apresenta como uma das possíveis formas que o conhecimento histórico pode ser dotado de sentido. Essa preocupação foi lançada na medida em que a pesquisa apontava autores que consideravam Salústio como um autor de dimensão literária, o que o fez perder seu status de historiografia no século XIX, no quesito mesmo de ser passível de apresentar conteúdos verídicos.

A escolha dos modelos narrativos de explicação histórica foi feita tendo em mente o objetivo de devolver Salústio a seu tempo e destacar, como, enquanto historiador, ele foi capaz de pensar a temporalidade vivida. Foi pensando a obra neste tempo histórico específico que recorreremos à triplice mimese de Ricoeur, na medida em que esta tríade proporciona uma relação com a narrativa que dota o conteúdo histórico de completude, alavancando a compreensão da história como a articulação entre passado, presente e futuro. Neste sentido, *Guerra Catilinária* se registra como uma reflexão salustiana da realidade vivida. Os elementos de ordem moral e exemplar denotam bem essa característica, isso não quer dizer que ele deixe de contar com a objetividade dos fatos, o que ocorre é que o autor não os coloca como fornecedores de

sentido por si próprios. É necessário, para compreender o ocorrido, que se entenda o momento em que ele eclode e porque esta dimensão se abre, ele quer buscar e apontar motivos para essa ação. Como já vimos, sua escolha é um trabalho que envolve diretamente a identidade do homem, seu posicionamento no espaço/tempo em que sua vida se realiza, é por isso que vemos Salústio eleger noções de virtude próprias aos seres humanos e que seriam condutoras de suas ações, assim como a opção pelos vícios em detrimento delas levam essa ação a construir uma realidade de cobiça. Nosso autor está, então, preocupado com o agir do homem no tempo e em apontar outros caminhos, ainda que seja por meio de exemplos negativos como Catilina, que demonstram uma opção do agir que culminou em ruína.

A tríplice mimese aponta, neste sentido, para três temporalidades deste texto, o momento anterior de sua construção, a pré-compreensão salustiana deste universo em que vive, para a posterior significação deste universo por meio da narrativa, na qual demonstra como o seu presente se esquece de seguir os bons exemplos passados para manter uma república saudável, em outras palavras, seu tempo presente não aceitaria as orientações para o agir. Identificamos, no texto salustiano, através da utilização da mimeses, a procura por reestabelecer modelos de ação válidos. O foco é novamente, a ação. Isso pode soar repetitivo, mas, em ambos os modelos apontados em nossa análise, nosso objetivo era pensar como o conteúdo do texto salustiano colaborava para essa instrução do agir, esta que aparece como uma característica histórica que vem sendo vista como necessária na compreensão do próprio passado em relação com nossas ações presentes e projeções futuras. A preocupação é realizada por meio dessa, se assim podemos chamar, deficiência de uma historiografia moderna, dita científica, de proporcionar aos seus leitores, algo que vá além de datas e fatos que não ganham significado para a sua vida prática.

Pode ser um apontamento mal visto, mas, por meio das leituras de Ricoeur e Rüsen, nos convencemos que uma historiografia que não se preocupa em criar sentidos que visem ao agir, à vida prática humana, não contribuem para a formação histórica de um povo. Se transforma, como diz Rüsen, em história morta. Por isso, quando nos colocamos face ao texto salustiano realizando a função de M3, queremos destacar a preocupação do autor com sua realidade e de como procura atribuir sentido à sua história. É claro, que Salústio caracteriza uma prática histórica bem diferenciada da que realizamos hoje, não queremos, com isso, propor uma volta aos moldes antigos de historiografia e perder o que se ganhou com a cientificização de nossa matéria. E, sim,

uma reflexão sobre nosso posicionamento enquanto historiadores que procuram dotar o passado de sentido; estamos realizando isso? Ou só estamos preocupados em obedecer a normas academicistas, em que o conhecimento acaba por estar preso às paredes das universidades e não encontram seu lugar na vida prática? Um conhecimento “elitista” não proporciona a propagação do conhecimento histórico, tendo em vista a sua função mesma de produzir sentido e significado para a vida humana. Criar significados que extravasem os círculos fechados de apreensão histórica, pode colaborar para uma apreensão menos tediosa e que seja apreciada como aquela que busca modelos de compreensão para o presente e auxiliam nas projeções futuras, tornando-a, nas palavras de Rüsen, em história viva. Isso não quer dizer que se perde em termos científicos, o objetivo é antes reunir esta metodologia de forma que ela faça sentido também através da aplicação prática.

Concluimos, então, que a proposição de *Guerra Catilinária* de Salústio como um texto que contribui para o entendimento da ação humana, estabelece-se como orientador do agir e traz, não apenas uma compreensão de seu próprio tempo, nos possibilitando, também, pensar as colocações próprias do pensamento historiográfico moderno. Nossa pesquisa encerra-se, então, pensando o trabalho de Salústio como específico à sua época, mas que não deixa de transmitir elementos de reflexão para nosso próprio tempo – ele possui uma temporalidade própria que em vez de refutar as formas narrativas, faz partes delas e ganha sentido por meio delas. Assim, a escolha da narrativa como modelo explicativo para Salústio se realiza na medida em que ela articula acontecimentos passados por meio de uma compreensão temporal que colabora com o próprio agir humano.

Fontes

ARISTOTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antonio Pinto de Carval. São Paulo: Edições de Ouro, 1980.

CÍCERO. **As Catilinárias**. São Paulo: LEUD, 2000. 2ª ed.

CICÉRON. **De L'Orateur**. Livre Deuxième. Traduit par Edmond Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

CICERÓN. **El Orador**. Clássicos de Grecia y Roma. Alianza Editorial, S.A, Madrid, 2004.

CÍCERO, Marco Túlio. **Da República**. Tradução e notas Amador Cisneiros. Bauru, SP: Edipro, 1995.

POLIBIOS. **História**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade Federal de Brasília, 1985.

SALÚSTIO. Guerra Catilinária. In: **Guerra Catilinária / Guerra Jugurtina**. Tradução: Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990.

Referências Bibliográficas

- ALFÖLDY, Géza. A crise da República e a sociedade romana. In: **A História Social de Roma**. Editora Presença: 1997.
- BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: **Análise Estrutural da Narrativa**: Seleção de Ensaios da Revista “Communications”. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1976.
- CARLETTI, Amilcare. **Os Grandes Oradores da Antiguidade**: Cícero, As Catilinárias. São Paulo. Liv. e Ed. Universitária de Direito, 1999. 2º Edição.
- ERLER, Michael; GRAESER, Andréas (orgs). LEONHARDT, Jürgen. Cícero. In: **Filósofos da Antiguidade, Do helenismo à Antiguidade tardia**. Tradutor: Nélio Schneider. Editora Unisinos: São Leopoldo – RS, 2003. pp. 86.
- FUNARI, Pedro Paulo A., GARRAFFONI, Renata Senna. Salústio e a Historiografia Romana. JOLY, Fábio Duarte (org.). In: **História e Retórica: Ensaio sobre a historiografia antiga**. São Paulo: Alameda, 2007.
- GRANT, Michael. **Historiadores de Grécia y Roma**. Tradução Antonio Guzmán Guerra. Alianza Editorial, S.A. Madri: 2003.
- HARTOG, François (org). **A História de Homero a Santo Agostinho**: Prefácios de historiadores e textos de história. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. Historia Magistra Vitae. In: **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. Representação, tempo e estrutura. In: **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.
- REIS, José Carlos. **História & Teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- REBOUL, Olivier. O sistema retórico. In: **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.
- RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica** – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado** – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- RÜSEN, Jörn. **História Viva** - Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SILVEIRA, Laura Ribeiro. **O retrato de Catilina em Salústio**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, 2003. 70fls.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história. Belo Horizonte: **Varia hist.** vol. 24. no. 40. Jul/Dec. 2008.

VEYNE, Paul. **Acreditaram os gregos em seus mitos?** Portugal, Lisboa: Edições 70, 1987.